

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Geografia

Rafaela Tozzi Roggero

**Geografia, literatura e representações sociais: a cidade de São Petersburgo e seus  
reflexos nas obras de Dostoiévski**

São Paulo  
2024

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Geografia

Rafaela Tozzi Roggero

**Geografia, literatura e representações sociais: a cidade de São Petersburgo e seus  
reflexos nas obras de Dostoiévski**

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado à Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo para obtenção  
do título de Bacharel em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia  
Ariza da Cruz.

São Paulo  
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

ROGGERO, Rafaela Tozzi. **Geografia, literatura e representações sociais: a cidade de São Petersburgo e seus reflexos nas obras de Dostoiévski.** 65 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Vera e Márcio, que se desdobraram a vida inteira para que eu tivesse a melhor educação possível e que sempre me deram amor, carinho e suporte incondicional como filha, além de terem apoiado minha escolha de estudar o que realmente gosto. Devo todas as minhas conquistas aos dois;

À querida professora Rita de Cássia Ariza da Cruz pela orientação, por todo o apoio para a escrita desta monografia e, sobretudo, por ser uma grande geógrafa e ter me inspirado durante toda a graduação;

Às minhas amigas do coração Bianca Ayuri, Isabella Placeres e, especialmente, Sara Pereira, que um dia me emprestou o livro que deu origem ao tema desta monografia;

Ao meu amigo e amor, Gabriel Paciulo, pelo companheirismo e pelas palavras. As coisas teriam sido mais difíceis sem você ao meu lado;

Por fim, agradeço carinhosamente à Suelen Rosa e Fátima Dellabarba, professoras de geografia do ensino médio que mudaram completamente minha forma de enxergar o mundo.

## **RESUMO**

Com a intenção de reproduzir a estrutura e a estética das grandes cidades europeias de seu tempo, Pedro, o Grande ergueu, em 1703, a mais nova capital da Rússia Imperial: São Petersburgo. Em um terreno pantanoso e pouco propício para um futuro centro urbano, a cidade foi construída por meio do sacrifício da vida dos milhares de trabalhadores compulsivamente convocados para sua realização. Como consequência das repercussões e dos impactos socioespaciais desencadeados pelas escolhas do czar e de seus sucessores, São Petersburgo foi condenada no imaginário russo através de suas representações como a “cidade amaldiçoada”. Nesse sentido, as particularidades da criação da cidade e suas contradições territoriais tornaram São Petersburgo uma personagem muito importante na literatura russa, destacando-se neste trabalho a obra de Fiódor Dostoiévski. Esta monografia tem como objetivo geral analisar e compreender de que forma os aspectos da geografia da cidade de São Petersburgo são representados na obra literária de Dostoiévski considerando as especificidades de seu processo de fundação.

**Palavras-chave:** Geografia, Representações Sociais, São Petersburgo, Literatura Russa, Fiódor Dostoiévski.

## ABSTRACT

In order to reproduce the structure and aesthetics of the great European cities of his time, Peter the Great built in 1703 the newest capital of Imperial Russia: Saint Petersburg. In a swampy terrain that was hardly suitable for a future urban center, the city was built by sacrificing the lives of thousands of workers compulsorily summoned to accomplish its execution. As a result of the repercussions and socio-spatial implications of the decisions made by the Tsar and his successors, Saint Petersburg was condemned in the Russian cultural scenario as a “cursed city” through its representations. Therefore, the particularities of the city’s creation and its territorial contradictions made Saint Petersburg a very important character in Russian literature, in which this research highlights the works of Fyodor Dostoevsky. The general aim of this paper is to analyze and understand how the geographical aspects of the city of Saint Petersburg are represented in Dostoevsky's literary work, taking into account the specificities of its founding process.

**Key-words:** Geography, Social Representations, Saint Petersburg, Russian Literature, Fyodor Dostoevsky.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. A cidade de São Petersburgo: breves aportes históricos.....</b>	<b>11</b>
2.1 O planejamento territorial de São Petersburgo.....	13
2.2 A imagem do czar Pedro, o Grande e seus sucessores.....	23
<b>3. As representações sociais.....</b>	<b>31</b>
3.1 A teoria e conceitualização de Serge Moscovici.....	32
3.2 Representações sociais na Geografia.....	35
3.3 A São Petersburgo “mítica”: os aspectos geográficos da cidade e suas associações culturais na Rússia Imperial.....	40
<b>4. A representação da cidade de São Petersburgo na literatura russa: uma análise da obra de Dostoiévski.....</b>	<b>45</b>
4.1 A obra de Fiódor Dostoiévski.....	48
4.1.1 Dostoiévski e a cidade: os folhetins em “Notícias de São Petersburgo”.....	48
4.1.2 A geografia da cidade de São Petersburgo no realismo russo de Dostoiévski....	54
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>59</b>

## 1. Introdução

São Petersburgo é provavelmente uma das cidades históricas de formação mais peculiar de toda a Europa. Fundada em 27 de maio de 1703 pelo czar Pedro, o Grande, a cidade foi capital da Rússia Imperial por pouco mais de 200 anos (de 1712 a 1918, com exceção dos anos entre 1728-1731). Recebeu através da história diversos nomes: em primeiro lugar, São Petersburgo, de 1703 a 1714, em homenagem ao Santo Pedro, padroeiro escolhido pelo imperador; em seguida, Petrogrado, por apenas dez anos, de 1914 a 1924; e por último, Leningrado, dos anos 1924 a 1991; retornou, enfim, ao nome original São Petersburgo em 6 de setembro de 1991, após um referendo nacional<sup>1</sup>.

Pedro I foi coroado imperador de todas as Rússias, aos 24 anos, em 1696, na capital do czarado na época, Moscou. Pedro, o Grande, herdava com a coroa um país gigantesco e relativamente atrasado e tinha como crença maior para seu império a necessidade de uma radical “perestroika” (reestruturação), o que o levou a gradualmente aproximar a Rússia ao Ocidente (VOLKOV, 1997, p.31).

Pedro I, ao idealizar a grandeza de seu império fundou, então, sua nova e estimada capital: São Petersburgo. A localização escolhida pelo czar para a construção de *sua* cidade era, acima de tudo, questionável: em um mísero sítio pantanoso, na Ilha Zaiachi, fazendo fronteira com o Oceano Báltico, ergueu-se a mais nova capital imperial baseada nos desejos e na visão autocentrada do czar (VOLKOV, 1997, p.30).

Um dos maiores dilemas geográficos para a construção da cidade era a presença de um rio meandrante que cortaria toda a extensão territorial da nova capital assim que ela fosse completamente finalizada. São Petersburgo tem como rio principal o chamado “Nievá”<sup>2</sup>. A cidade está localizada no delta do rio, cercada e composta por ilhas, fato que levou a cidade a ser apelidada de “a cidade das 101 ilhas”<sup>3</sup>. Além das intervenções contínuas do rio, que influenciaram todo o planejamento estrutural da cidade, a questão climática se destacava como um grande impasse para a vida na nova capital: o clima nebuloso, de frio ininterrupto, fazia do sítio quase que inabitável e, principalmente, nada propício para a consolidação de um grande centro urbano.

---

<sup>1</sup> Dados oficiais do Governo Estadual Russo, em: ROSSTAT; Federal State Statistics Service. Petrostat, 2018. Disponível em: <https://eng.rosstat.gov.ru/>.

<sup>2</sup> O “Peka Hebá” (Rio Nievá) é um curso de água de aproximadamente 74 km de comprimento, dos quais 28 km encontram-se dentro da cidade de São Petersburgo. O rio segue desde o lago Ladoga até ao golfo da Finlândia passando por toda São Petersburgo (Disponível em: PETROSTAT, 2018. Disponível em: <https://eng.rosstat.gov.ru/>).

<sup>3</sup> PETROSTAT. “Historical and geographical information”, 2018 (Disponível em: <https://eng.rosstat.gov.ru/>).

As escolhas de Pedro, o Grande, eram duvidosas e causavam incerteza por toda a corte russa, no entanto, sua posição era tida como praticamente imutável. Segundo Volkov (1997, p.31), a escolha do czar duramente rejeitada por “hordas de críticos, estaria, provavelmente, “enraizada tanto na psicologia do monarca quanto na complexa conjuntura político-econômica que a Rússia atravessava no início do século XVIII”. Ademais, em função de uma miríade de obstáculos (de caráter geográficos, climáticos, estratégicos, comerciais e nacionalistas), entendia-se que “a embocadura do Nievá não era lugar para a nova capital da Rússia ou qualquer outra grande cidade”.

Mesmo com algumas tentativas de intervenção diante da edificação da cidade por parte dos conselheiros do império, Pedro I não cedeu às pressões adversas e deu continuidade no levantamento de sua capital monumental, São Petersburgo, espelhando-se nos grandes centros europeus do Ocidente no século XVIII. Consequentemente, o processo de construção da cidade foi catastrófico, não só em função da ação de suas contradições geográficas, mas por tudo que as acompanhavam: as condições miseráveis dos trabalhadores obrigados a seguir o plano do czar fez de São Petersburgo uma cidade erguida sobre os corpos martirizados do povo russo (VOLKOV, 1997, p.34).

Além disso, deve ser ressaltado que uma das intenções mais proeminentes de Pedro, o Grande, era alavancar no território russo um processo de europeização de seu povo ao aproximar cada vez mais seu império ao Ocidente. Para Américo (2006, p.24), a ascensão do jovem Pedro I ao trono originou na Rússia um “conflito ideológico complexo” que evidenciou-se cada vez mais como polêmico através do tempo: seria a Rússia um país europeu? O autor reitera que, como consequência, manifestavam-se também questionamentos sobre a ocidentalização do país, de forma que “ao longo dos séculos, alguns imperadores foram mais propensos que outros a trilhar um caminho “europeizante” para a Rússia, porém nenhum teve a repercussão e o “sucesso” que conseguiu Pedro I”, que dentre várias razões, ficou conhecido como “O Grande”.

À vista disso, o fato curioso que deu origem ao tema desta monografia foi a maneira pela qual o processo histórico da construção da cidade de São Petersburgo e as manifestações de seus aspectos geográficos influenciaram na sua representação no imaginário popular e cultural russo, especialmente no âmbito literário. Levando em consideração o processo dramático que consolidou a antiga capital e todas as políticas e reformas de metamorfose cultural impostas forçosamente pelo czar, as representações sociais produzidas sobre a cidade tinham em seu cerne um aspecto “amaldiçoado” e, até mesmo, “maligno”. Obviamente, essas representações referem-se a uma imagem mitológica da cidade. No entanto, “quase tudo que

se relaciona à fundação de Petersburgo está cercado por lendas, grandes e menores” (VOLKOV, 1997, p.30).

As grandes catástrofes causadas pelas cheias e inundações do extenso Rio Nievá, as imposições culturais do czar e todo seu método de criação para a nova capital, seriam para a população “um sinal de Deus, um presságio que Pedro I se recusou a escutar, condenando São Petersburgo a um destino fatal” (AMÉRICO, 2006, p.40). Atentando-se a todas estas particularidades, foi a partir do imaginário popular e de sua interpretação da realidade que moldou-se grande parte do cenário histórico-cultural da cidade. O sacrifício da vida e todas as controvérsias catastróficas de sua existência marcaram para sempre a história de São Petersburgo.

Além da compreensão dos aspectos da geografia geral da cidade de São Petersburgo, o conceito de “representação social” é utilizado nesta pesquisa como crucial para o entendimento do tema em questão. Do ponto de vista metodológico, a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1961) serviu como bibliografia base para a estruturação da pesquisa, considerando as possíveis associações entre o cenário sociocultural russo e a geografia da cidade. De forma geral, Moscovici (1961, p.808) descreve a representação como um fenômeno social derivado da inter-relação e reprodução da realidade coletiva referente às práticas de um certo grupo. Isto posto, seu conceito principal deve ser entendido como um conjunto de proposições e explicações impressas no cotidiano e no processo de comunicação interindividual sendo “o constructo de um objeto e a expressão de um sujeito” (TORRES, 2009, p.12). Nesse sentido, buscamos compreender quais os fenômenos específicos que compõem o mito de Petersburgo como “cidade amaldiçoada” e a maneira como são representados e disseminados em seu plano cultural desde seu ano de fundação.

Para uma melhor contextualização, as representações mais influentes da cidade (predominantemente negativas) derivam da literatura clássica russa. Alexander Púchkin, Nikolai Gógol e Fiódor Dostoiévski, considerados três dos mais importantes autores russos do século XIX, foram pioneiros na elaboração de grandes obras que destacam as ditas “maldições” de São Petersburgo e a existência de um espírito “maligno” dominante na antiga capital (VOLKOV, 1997, p.55). Na maioria de seus enredos, os aspectos geográficos da cidade parecem atuar diretamente sobre o pequeno homem russo e os ideais impostos por Pedro, o Grande, aparentam transformar perpetuamente toda a dinâmica socioespacial lá existente. Para este trabalho, o principal autor escolhido para a investigação do panorama da

representação da geografia de São Petersburgo na literatura russa clássica foi Fiódor Dostoiévski.

No que diz respeito às referências literárias aludidas ao decorrer da pesquisa, houve um esforço realizado exclusivamente em gabinete para um melhor entendimento da literatura russa dos séculos XVIII e XIX. Os principais estudos utilizados para a apreensão do domínio não só literário, mas também histórico da cultura russa partiu, em primeiro lugar, da leitura na íntegra da obra “São Petersburgo: uma história cultural” (1997) de Solomon Volkov e, adicionalmente, das contribuições realizadas por Edélcio Américo em sua tese “Texto de São Petersburgo na Literatura Russa” (2006).

Apesar da predominância entre os clássicos, as representações de São Petersburgo não podem ser reduzidas a seu mito escatológico como retrato verossímil da realidade. Entretanto, a intenção por trás da pesquisa aqui proposta foca em entender a origem das representações majoritariamente negativas expressadas na literatura clássica sobre a cidade e, também, destacar a maneira pela qual a geografia de São Petersburgo se coloca como fator prevalecente nestas representações finais. Para tanto, o compilado de obras por Fiódor Dostoiévski selecionado e revisado para a composição da monografia final conta com: O Duplo (1846), Crônicas de Petersburgo (1847), Memórias do Subsolo (1864) e Crime e Castigo (1866).

A pergunta principal de pesquisa parte do pressuposto de que existe uma relação entre as representações sociais da geografia da cidade de São Petersburgo e a literatura dostoievskiana. Assim sendo, pergunto-me: como São Petersburgo encontra-se representada na obra de Dostoiévski, considerando seus aspectos geográficos? Em vista disso, tendo em vista que o grande projeto de fundação da cidade e o papel dominante do czar Pedro, o Grande, em sua história, consolida-se como o objetivo central de estudo neste trabalho a apreensão e a análise crítica das formas de representação social da geografia de São Petersburgo nas obras selecionadas de Dostoiévski.

## **2. A cidade de São Petersburgo: breves aportes históricos**

São Petersburgo é, de diversas formas, uma cidade que aparenta fugir do ordinário. Para Marshall Berman (1986), as características da história e da construção da antiga capital russa não se encaixam nos moldes comuns dos movimentos de modernização e urbanização que tomavam conta das cidades europeias durante os séculos XVIII e XIX. Ao comparar o processo de desenvolvimento urbano e intelectual identificado nas grandes capitais do Ocidente com o progresso das cidades no Oriente, o autor explica que:

[...] os autores do século XIX abordaram o processo de modernização em desenvolvimento e o usaram como fonte de energia e material criativo [...] em transformar as caóticas energias da mudança social e econômica em novas formas de significado e beleza, de liberdade e solidariedade; em ajudar seus semelhantes e a si próprios a se tornarem sujeitos e objetos da modernização. Vimos como — da fusão entre empatia e ironia, entrega romântica e perspectiva crítica — surgiram a arte e o pensamento modernos. Esta foi, pelo menos, a forma como isso ocorreu nas grandes cidades do Ocidente — Londres, Paris, Berlim, Viena, Nova Iorque —, onde, ao longo de todo o século XIX, levantes de modernização estavam acontecendo (1986, p.168).

Enquanto as capitais da Europa Ocidental erguiam-se através da criação de “grandes realizações modernas e urbanísticas” sob a pressão crescente do mercado capitalista mundial e suas contradições, São Petersburgo enfrentava a estagnação do controle imperial: “Um dos fatos cruciais da história moderna da Rússia é que a economia do império se estagnava, em certos aspectos até mesmo regredia, no exato momento em que as economias das nações ocidentais davam um salto espetacular à frente” (BERMAN, 1986, p.169). O autor então afirma que, de forma paradoxal, ao longo de todo o século XIX, a mais clara expressão de modernidade no solo russo foi, desde sua criação, a presença influente da capital imperial de São Petersburgo (*ib.*).

A cidade de São Petersburgo foi pensada, portanto, “geometricamente”, dentro do arquétipo moderno ocidental (BERMAN, 1986, p.170). Desde as motivações por trás de sua repentina existência aos atributos geográficos de seu território, a cidade apresenta apresentar em sua totalidade idiossincrasias evidentes que se expressavam no passado e ainda predominam no presente: o sítio pantanoso em que São Petersburgo foi erguida, sua relação íntima com o rio que a cercava e as expressões extremas do clima são algumas das características mais notórias que afetavam a vida russa na nova capital. Além disso, não se pode deixar de mencionar que a história e o desenvolvimento de São Petersburgo como um todo estão intimamente relacionados ao czar, Pedro, o Grande.



**Figura 1:** “A cidade será construída aqui”. O czar Pedro, o Grande, à beira do Rio Nievá, no início do século XVIII<sup>4</sup>. Pintura por Nikolai Florianovich Dobrovolsky (1837-1900), óleo sobre tela, 1880. Localizado em: State Central Navy Museum, São Petersburgo.

## 2.1 O planejamento territorial de São Petersburgo

Pedro I, imperador do Czarado da Rússia de 1682 até sua morte em 1725, foi o principal agente motivador do surgimento da cidade de São Petersburgo. Em 1703, Pedro, o Grande, alavancou a construção de uma grande cidade, nos arredores pantanosos do rio Nievá. Foi assim que, nas proximidades do Mar Báltico, o czar ergueu sua nova capital (VOLKOV, 1997, p.12). Idealizada e meticulosamente planejada por Pedro I, seus sucessores também buscaram manter a imagem de São Petersburgo através do tempo, visualizando-a através das mesmas lentes do czar que a criou.

No que diz respeito à escolha definitiva do lugar para a construção de seu novo e grande centro urbano, a decisão de Pedro I não parecia ter muito embasamento prévio nas questões de manejo, ou seja, levando em consideração as grandes catástrofes que seguiram a criação da cidade, ou seja, as preocupações com os aspectos geográficos da ilha escolhida, na verdade, não parecem ter sido relevantes no início de sua realização. Américo (2006, p.28) explica que uma das lendas mais disseminadas sobre o período de formulação da nova capital

<sup>4</sup> No título original: “Ici, une ville sera bâtie”. Le tsar Pierre le Grand (Pierre I de Russie, 1672-1725) décida de la construction de la ville de Saint-Pétersbourg sur les bords de la rivière Neva au début du 18ème siècle. Disponível em: Megabook, “Петр I Великий”: <https://megabook.ru/>.

russa conta que o czar foi ao local da atual Petersburgo e, ao caminhar pelo pântano com suas botas européias, arrancou com facilidade galhos de uma árvore<sup>5</sup> e os colocou no chão em forma de cruz, exclamando: “A cidade será aqui”.

O planejamento de Pedro, o Grande para *sua* nova cidade era sistemático. Fortalezas, canais, pontes e grandes avenidas eram a base para a consolidação de São Petersburgo como a nova capital e, além disso, o aspecto estético das grandes e mais centrais construções da cidade foram pensadas em alto nível artístico. Segundo Volkov (1997, p.32), Pedro I admirava abertamente a estilização sofisticada das cidades da Europa Ocidental e, usufruindo dos privilégios de sua alta posição na nobreza, o czar teria explorado grande parte do continente em sua juventude antes de assumir o posto de imperador no fim do século XVII. Nesse sentido, as experiências individuais do jovem czar demonstraram ter sido cruciais para o destino da Rússia. O imperador buscou enfatizar no projeto para o desenvolvimento de seu império, a importância da criação de uma nova cidade capital que estivesse dentro dos mesmos padrões estruturais e estéticos observados nas grandes cidades europeias. Além disso, São Petersburgo deveria exceder expectativas em sua grandiosidade, visto que Pedro queria deixar pasmos a Rússia e todo o “mundo civilizado” (*ib.*).

Volkov (1997, p.33) também aponta que o czar criou em seu imaginário um “conceito urbano inédito” no Oriente considerando que, suas viagens à Europa Ocidental, principalmente sua visita à Holanda, fizeram com que Pedro visualizasse um lugar semelhante a Amsterdã em seu Império: uma cidade limpa, organizada, fácil de ser controlada, litorânea, e com canais super extensos. Concomitantemente, a visão de Pedro parecia tornar-se continuamente mais elevada, de forma que: “Sua cidade elevar-se-ia nos ares como uma águia; seria uma fortaleza, um porto, um enorme cais, modelo para toda a Rússia e janela aberta para o Ocidente” (VOLKOV, 1997, p.33).

Seguindo o padrão arquitetônico das capitais europeias mais detalhadas do século XVIII, o czar elaborou inicialmente em pequena escala, o plano original de São Petersburgo. De acordo com as exigências do imperador, o planejamento da cidade foi cada vez mais “aprimorado”, tomando progressivamente a forma espelhada em Amsterdã e Veneza como desejava (VOLKOV, 1997, p.34).

Pedro, o Grande, teria insistido no plano de São Petersburgo com a aberta intenção de instaurar em seu império uma “janela para a Europa”. Suas propostas ficaram progressivamente sofisticadas: as demandas do monarca cresciam cada vez mais e

---

<sup>5</sup> Fontes biográficas indicam que Pedro I media mais de dois metros de altura e provavelmente alcançou a árvore sem dificuldade (*ib.*)

vislumbravam em Petersburgo uma “Paris do Norte” (VOLKOV, 1997, p.34). Entretanto, a criação grandiosa do czar baseava-se em sacrifícios extremos e condições de trabalho miseráveis para sua total concretização, a estrutura inicial da cidade ergueu-se em apenas três dias, de forma que:

A realização desses planos, constantemente modificados, exigiu centenas de milhares de trabalhadores — camponeses, soldados, presidiários de todos os pontos do país, além de suecos e tártaros — capturados e tocados para o delta do Nievá. Não havia moradia, comida, nem ferramentas suficientes. Encharcados pelas enxurradas, transportando nas roupas a lama das escavações, atacados por enxames de mosquitos, os infelizes batiam estacas de madeira no solo pantanoso. Quantos morreram de fome, doença ou simples exaustão? Provavelmente dezenas de milhares. Como Pedro não se importava, ninguém registrou esses dados. Mais tarde, Nikolai Karamzin, historiador oficial da corte, suspirando — “Les grands hommes ne voyent que le tout”<sup>6</sup> —, diria que “Petersburgo está fundada sobre lágrimas e cadáveres” (VOLKOV, 1997, p.34).

Soberano de uma sociedade servil, Pedro I exerceu seu poder absoluto sobre a força de trabalho imensa a seu favor, impondo uma exploração incessante. Os convocados passavam dias ininterruptos limpando terrenos, drenando os pântanos, construindo canais e represas, fazendo aterros, cravando estacas no solo poroso e construindo a cidade a uma velocidade incompreensível: a rapidez de seu desenvolvimento fez com que, do dia para noite, Petersburgo se transformasse em uma das maiores metrópoles da Europa (BERMAN, 1986, p.171).

De acordo com Keenan (2013) em “Saint Petersburg and the Russian court” e Mitchell (1975) em “European Historical Statistics”, a população de Petersburgo chegou a 220 mil habitantes em 1800. Nessa época, era ainda um pouco menor que a da antiga capital Moscou (de 250 mil), no entanto, não demorou para que São Petersburgo pudesse passar-lhe à frente, atingindo mais de um milhão de habitantes ao fim do século XIX<sup>7</sup>.

Em 1712, Moscou era finalmente deixada de lado sob as ordens de Pedro, o Grande, a verdadeira cidade do imperador, São Petersburgo, agora era declarada a mais nova capital de todas as Rússias: “São Petersburgo foi criada para substituir Moscou, que simbolizava, para

<sup>6</sup> “Os grandes homens enxergam apenas o todo.” (tradução própria).

<sup>7</sup> A população de São Petersburgo cresceu para 485 mil em 1850, 667 mil em 1860, 877 mil em 1880, passou de um milhão em 1890, sendo, ao longo do século XIX, a quarta ou quinta maior cidade da Europa (atrás de Londres, Paris e Berlim e igualando-se a Viena) (MITCHELL, 1975, p.76-8).

Pedro, uma Rússia atrasada e retrógrada que ele ansiava por transformar” (AMÉRICO & AMÉRICO, 2016, p.135).

Além do fato de Pedro I considerar Moscou uma cidade estética e culturalmente antiquada, mudar a localização da capital também era uma das principais vontades do imperador. Diferentemente de Moscou, São Petersburgo é uma cidade limítrofe<sup>8</sup> (AMÉRICO & AMÉRICO, 2016, p.147). A capital do grande império de Pedro agora se encontrava em uma barreira geográfica: como desejado pelo imperador, São Petersburgo encarava a costa leste do Oceano Báltico e tinha a seu dispor uma grande abertura para o Golfo da Finlândia, além de uma visão direta para o restante do continente europeu. O primeiro grande ato do czar foi a construção da grande “fortaleza de seis torres”, batizada pelo soberano como “Sankt Piterburkh” (São Pedro), “não por auto-elogo, como supõe a interpretação errônea, mas em homenagem ao seu santo padroeiro, o apóstolo Pedro” (VOLKOV, 1997, p.30).

A construção de uma fortaleza do porte exigido por Pedro era fundamental para que o império pudesse se afirmar na fronteira europeia exalando para o resto do mundo uma sensação de segurança. Para o czar, o território de sua capital deveria ser protegido e respeitado através de uma grande fortificação. Em Américo e Américo (2016, p.134-135), a fortaleza “por um lado, se mostrava como uma edificação militar cujo objetivo era proteger as terras de possíveis pretensões dos antigos “proprietários”, os suecos; por outro, era uma forma de sacralização do espaço recém-conquistado”.

A decisão definitiva da mudança das capitais foi para Pedro, o Grande, o início de sua grande revolução no território russo, conforme aponta Volkov (1997, p.12). Curiosamente, as vontades do czar aparentam ter influenciado diretamente no relacionamento popular entre ambas as cidades. A evidente aversão de Pedro I pela antiga capital fez com que nascesse no âmbito cultural russo um simbolismo enfático que desenvolveu uma visão quase que dicotômica entre Petersburgo e Moscou. Berman (1986, p.169-170) afirma que a partir dessas interpretações, tinha-se:

Petersburgo representando todas as forças estrangeiras e cosmopolitas que fluíram na vida russa, Moscou significando todo o acúmulo de tradições nativas e insulares do Narod<sup>9</sup> russo; Petersburgo como o Iluminismo e Moscou como o

<sup>8</sup> Para conferir a cidade esta definição, os autores utilizam o conceito semiótico de Yuri Lotman (2002) que divide as cidades em “concêntricas e excêntricas (limítrofes). A cidade do primeiro tipo: “a cidade excêntrica é a que se localiza “no limite” do espaço cultural: à beira mar, à margem do rio. Nesse caso, não temos a antítese “céu/terra”, mas a oposição “natural/artificial” (AMÉRICO & AMÉRICO, 2016, p.138, *apud* LOTMAN, 2002, p.208).

<sup>9</sup> Eram “populistas russos” (народничество), membros das elites urbanas cultas da Rússia, aderentes ao socialismo agrário, que, durante as décadas de 1860 e 1870, idealizavam um regresso à vida no campo (PAIVA,

anti-Illuminismo; Moscou como pureza de sangue e solo, Petersburgo como poluição e miscigenação; Moscou como o sagrado, Petersburgo como o secular (ou talvez o ateu); *Petersburgo como a cabeça da Rússia, Moscou como o seu coração*.

É interessante evidenciar que os gostos particulares do imperador também tiveram muita expressão na decisão do intercâmbio das capitais de seu governo. Conforme antes mencionado, todo o planejamento estético e estrutural da cidade relacionava-se com o desejo do czar de “modernização europeu” que se espalhava pelo Ocidente no século XVIII. Nesse sentido, faz-se necessário apontar a forma com que as propostas de “ocidentalização” de Pedro I estendiam-se para além da estrutura material de São Petersburgo. De acordo com Volkov (1997, p.32),

Contrariando a opinião de muitos historiadores, Pedro amava a Rússia, seu povo talentoso, sua linguagem viva e colorida, os rituais e a comida do país, particularmente *shchi* (sopa de repolho). Mas detestava a imundície russa, a indolência, a ladroagem, os gordos boiardos e suas pesadas vestimentas. Odiava Moscou, a antiga capital russa, onde quase foi assassinado, e seus soldados rebeldes, permanentemente suspeitos de conspirar contra sua pessoa real. Vingou-se contra tudo isso mudando as tradições e as representações da Rússia.

À vista disso, assume-se que o delineado estético de sua cidade, espelhado na Europa Ocidental, atuava apenas como uma de suas várias tentativas de gerar uma metamorfose comportamental no povo russo, tentando instaurar, a todo custo, tradições culturais que Pedro I entendia como realmente “europeias”:

Ordenou que os boiardos<sup>10</sup> se tornassem glabros<sup>11</sup>, forçando-os a dançar minuetos em “reuniões” que instituiu, de acordo com o estilo parisiense. Modernizou o alfabeto e instituiu um novo uniforme, de tipo ocidental, para o exército, uma nova bandeira e novos regulamentos. Entretanto, a maior expressão da sua obstinação soberana, de seu maximalismo russo e de sua inclinação por atos hiper simbólicos, foi a fundação de São Petersburgo (VOLKOV, 1997, p.33).

---

C. A., Marx, Dobb, Sweezy E Hobsbawm, E A Polêmica Acerca Da Transição Do Feudalismo Para O Capitalismo, 2012).

<sup>10</sup> Boiardo é o termo que designava um membro do mais alto escalão da nobreza feudal na Europa Oriental até o século XIX (Dicionário Encyclopædia Britannica Online, Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/boyar>).

<sup>11</sup> Glabro, originado do latim ‘*glaber*’, ‘*calvo*’, é a designação dada a organismos, ou suas partes, que não apresentam pelos na sua superfície externa (Glossário Ilustrado de Morfologia, Ministério da Agricultura e Pecuária, Disponível em: [www.gov.br](http://www.gov.br)). Neste caso, indica que, sob as ordens do czar, os homens da corte passaram a não possuir mais pelos faciais, especificamente barbas muito cheias ou longas.

Aquilo que todas as ações do czar pareciam indicar era um esforço prevalecente de consolidar em seu império as mais tradicionais tendências europeias. Segundo Américo e Américo (2016, p.136), a construção de São Petersburgo tinha como propósito “recusar o passado tradicional e atrasado e proclamar o futuro: a Rússia deveria tornar-se um grande império europeu”.

Para Berman (1986, p.170), “a construção de São Petersburgo é provavelmente o exemplo mais dramático, na história mundial, de modernização draconiana concebida e imposta”. Sementsov e Akulova (2020, p.738) explicam que, ao contrário do que era tido como “natural” em relação ao planejamento urbano das cidades europeias da época, a nova capital de todas as Rússias nasceu sem a presença de uma “governadoria central”, ou seja, a fixação do controle imperial no território ocorreu apenas após o fim de sua construção:

A província (de São Petersburgo) foi desenvolvida como uma unidade administrativa sem o centro da governadoria. [...] Isso é muito incomum na história do planejamento urbano. Normalmente, primeiro surge um assentamento como centro de atração, depois ele se transforma em uma cidade, ganha autoridade e, gradualmente, uma governadoria e/ou aglomeração se forma ao seu redor com um atraso, que é um reflexo de sua importância funcional e territorial, muitas vezes apoiada pelo surgimento de uma zona administrativa-territorial (país, governadoria, distrito, etc.) sujeita a esse centro (tradução própria<sup>12</sup>).

Adicionalmente, os atributos geográficos do sítio escolhido para o levantamento da capital também fugiam aos padrões mais comuns de formação das cidades. São Petersburgo foi instaurada em um terreno abaixo do nível do mar, pantanoso, nebuloso e lamacento. A consolidação de Petersburgo na antiga ilha “Záiatchi Ostrov”<sup>13</sup> fez de São Petersburgo:

[...] a maior cidade acima do paralelo de 60°, e a única até hoje nessa faixa do hemisfério norte com população acima de um milhão de habitantes. Sua construção superou diversas dificuldades, como a umidade, o vento e o frio, que ultrapassava

---

<sup>12</sup> No original: “The governorate was developed as an administrative unit without the governorate center. [...] It is very uncommon in the history of urban planning. Usually, first a settlement as a center of attraction emerges, then it turns into a city, gains authority, and gradually a governorate and/or agglomeration forms around it with a lag, which is a reflection of its functional and areal significance, often supported by the emergence of an administrative-territorial zone (country, governorate, district, etc.) subject to this center.”

<sup>13</sup> A ilha Záiatchi era uma quase área desabitada (antes de domínio sueco), um mísero sítio pantanoso –, uma das portas de acesso ao mar Báltico no território russo, onde Pedro I declarou que seria construída a cidade (VOLKOV, 1997, p.30).

os 30 graus negativos no inverno, além da falta de alimentos e de cuidados médicos (AMÉRICO, 2006, p.29).

O esboço da cidade era geométrico e retilíneo, seguindo um padrão reconhecível de planejamento urbano ocidental, identificado na Europa desde a Renascença, mas jamais visto antes na Rússia, cujas cidades do país eram, sobretudo, rurais, sem qualquer planejamento, com ruas medievais, tortas e sinuosas (BERMAN, 1986, p.170).

O planejamento do imperador para a instauração de um o desenho retilíneo em sua cidade indicava que Pedro, o Grande, almejava um “lugar organizado”<sup>14</sup> como capital, uma cidade que fosse capaz de se distinguir da desordem existente em Moscou. Assim, “a ideia da ordem que vence o caos refletiu-se nas ruas e avenidas retas de São Petersburgo, todas paralelas e perpendiculares” (AMÉRICO & AMÉRICO, 2016, p.136).

Pedro I parecia ter criado um embate entre si mesmo e a natureza ao querer forçar um ordenamento “perfeito” do território. Levando em consideração que, em Santos (2004a, p.28-29), “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica”<sup>15</sup>, os métodos empregados pelo czar pareciam contraditórios. Américo e Américo (2016, p.137), afirmam que:

Esse desejo humano de ordenar o espaço entra em conflito com o universo da natureza, para o qual não existem linhas retas nem perfeição geométrica. [...] A aspiração humana de domar a natureza caótica marcou toda a história da cidade de São Pedro.

O padrão geométrico almejado por Pedro I traçava a cidade com um “sistema de canais, ilhas e amplas avenidas retas, conhecidas como “perspektiv” (perspectivas)” (VOLKOV, 1997, p.34). A perspectiva principal, finalizada em 1715, foi intitulada de Avenida Nievá (*Nevski Prospekt*) com aproximadamente cinco quilômetros de extensão seguindo o curso do rio central e homenageando-o em seu nome.

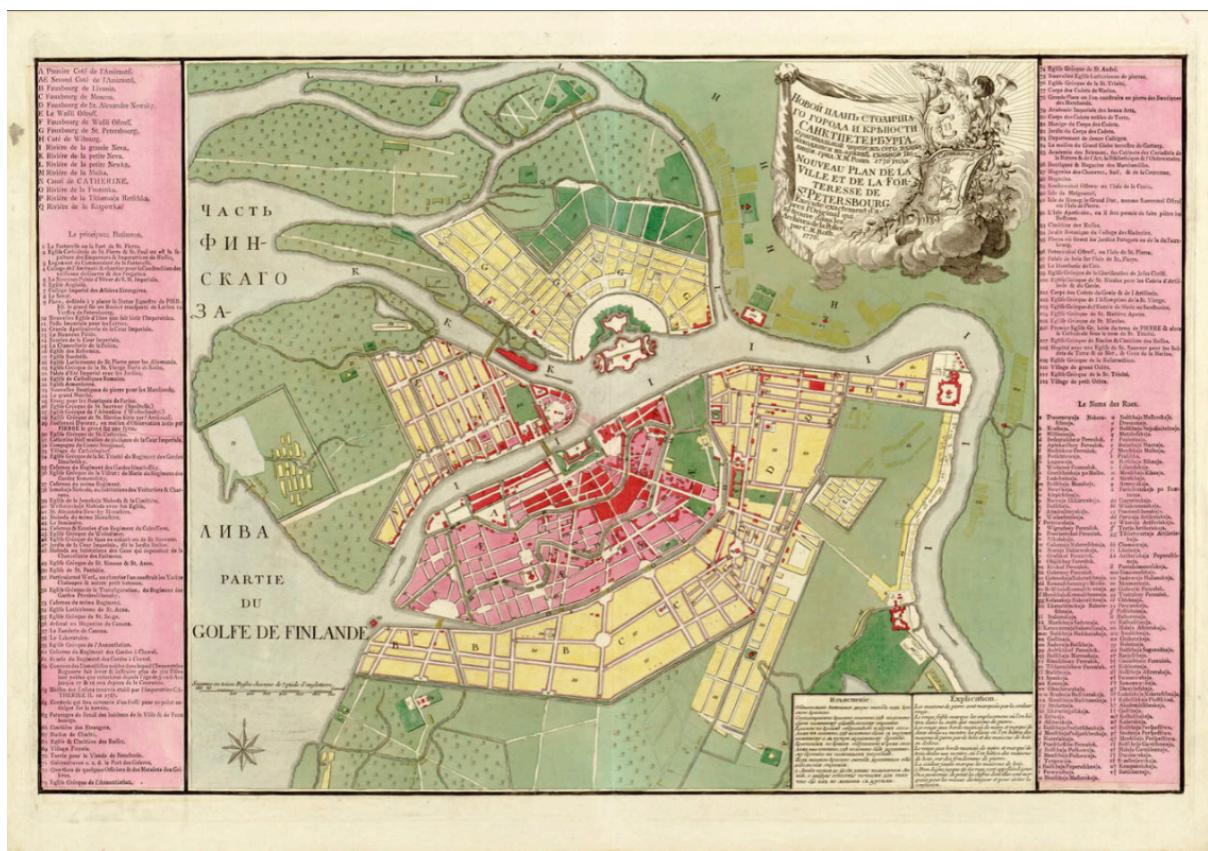
<sup>14</sup> Além do sentido estrutural da cidade almejado por Pedro I, podemos referir como “lugar organizado” aquilo que parecia fazer parte da sua percepção e experiência pessoal das cidades. Como mencionado, a aversão do imperador à antiga capital Moscou muito se relacionava com questões particulares e imateriais (p.16). Em uma teorização da Geografia Humanística, Yi Fu Tuan (1975, p.06) define que “num nível altamente teórico, os lugares são pontos no sistema espacial. Num extremo oposto, são sentimentos altamente viscerais. Os lugares são raramente conhecidos em um ou outro extremo: o primeiro é muito distante da experiência sensorial para ser real e o segundo pressupõe enraizamento numa localidade e comprometimento emocional que são altamente raros. Para a maioria das pessoas no mundo moderno, os lugares situam-se em alguma parte na extensão intermediária da experiência.”

<sup>15</sup> Conforme o autor explica em seguida as “técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço.” (*ib.*).

O sistema de canais, entretanto, não era refinado o suficiente para impedir as grandes repercussões atreladas às condições geográficas de seu território: além da neblina e do frio constante, a atividade do rio Nievá comoveu terrivelmente a nova capital do Império.

Foram inúmeras as enchentes que tomaram conta de São Petersburgo, potencializadas pelo rio Nievá e por sua conexão com o turbulento Mar Báltico. Mesmo após o fim do processo de criação da cidade, que fez de São Petersburgo uma capital erguida a custo do sacrifício humano, o aspecto de “destruição” ainda era expresso no território através das sérias consequências de seu planejamento territorial. A primeira inundação de São Petersburgo aconteceu em agosto de 1703, em seu próprio ano de fundação, e a nova capital parecia novamente ter a aparência do pântano que lá antes existia. Segundo Américo (2006, p.34) ao longo da história da cidade, “São Petersburgo sofreu com fenômenos naturais que pareciam conspirar contra ela”. Em trezentos anos de existência foram registradas um pouco mais de trezentas inundações:

Esse enorme fluxo de água surge principalmente durante o degelo, ou seja, na primavera russa; a água em enorme quantidade segue com destino ao mar Báltico, que já se encontra muito acima de seu nível normal, e o resultado é um refluxo que traz de volta a água com enorme força e abala ainda mais as já problemáticas estruturas da cidade (*ib.*).



**Mapa 2:** Mapa de um dos primeiros planos da cidade de São Petersburgo: “Novo plano da cidade e da fortaleza de São Petersburgo” por Christoph Melchior Roth, cerca 1776, Acervo da Coleção de Mapas Digitais da Universidade de Harvard<sup>16</sup>.

No que diz respeito aos aspectos geográficos da área compreendida por São Petersburgo, entende-se que, para sua efetiva construção, houve a transformação completa de uma morfologia que impunha dificuldades à ocupação do território. Segundo Sementsov e Akulova (2020, p.731):

A criação e o desenvolvimento da cidade e da aglomeração foram realizados por meio da reconstrução e transformação do sistema de assentamento rural irregular que existia nessa área até o início do século XVIII. Nenhuma outra aglomeração desse tipo foi registrada na história do planejamento urbano europeu até meados do século XIX (tradução própria<sup>17</sup>).

<sup>16</sup> No original: “Новый план города и крепости Санкт-Петербурга. Nouveau plan de la ville et de la forteresse de St. Pétersbourg.” Disponível em: <https://hgl.harvard.edu/catalog/harvard-g7064-s2-1776-r6>.

<sup>17</sup> No original: “Creation and development of the city and agglomeration were carried out through reconstruction and transformation of the rural irregular settlement system that had existed in this area up to the beginning of the 18th century. No other agglomeration of such type was registered in the history of European city-planning till the middle of the 19th century.” (SEMENTSOV & AKULOVA, 2020, p.731).

No entanto, é de se assumir que, apesar do interesse do imperador em construir uma cidade moderna, o descuido ao escolher um terreno atípico para a criação de sua nova capital foi uma das negligências que mais favoreceram as futuras e incessantes tragédias que tomaram conta da cidade. Assim, tem-se que:

Petersburgo foi, desde o início, uma luta do homem, da ciência contra a natureza. O planejamento inicial da construção continha ruas largas e organizadas, entretanto a geografia recortada do local não permitiu que o projeto fosse plenamente implantado durante a construção. As grandes avenidas são interrompidas pelo rio ou por algum dos inúmeros canais (AMÉRICO, 2006, p.33).

A geografia do terreno se reafirmava constantemente como obstáculo inerente à consolidação da cidade. Mesmo com o que o czar tinha para si mesmo como o planejamento ideal das ruas e canais, que visava entregar a Petersburgo uma perfeita visibilidade, a área quase sempre estava coberta por névoa e neblina como consequência de sua construção sobre uma região pantanosa e encarava, sem aviso prévio, atividades trágicas e indomáveis associadas ao rio Nievá, que cercava por completo a cidade capital (AMÉRICO & AMÉRICO, 2016, p.137).

Além da ação de fenômenos naturais, as características da desigualdade estética e socioespacial da cidade também eram muito expressivas. De acordo com Américo (2006, p.35) “Petersburgo sempre foi a cidade dos contrastes”, o autor enfatiza que a aparência luxuosa da capital rodeada por palácios e pelo brilho de toda a corte imperial ficavam lado a lado com a extrema pobreza da população, escancarando ainda mais o caráter contraditório da cidade. Enfim, entende-se que a paisagem<sup>18</sup> construída em São Petersburgo é composta por um amálgama de elementos paradoxais.

Vale adiantar que as repercussões dos métodos e das escolhas de Pedro, o Grande indicam a presença de impactos diretos no imaginário popular russo do século XVIII e adiante: “os horrendos custos humanos de Petersburgo, os ossos dos mortos misturados a seus monumentos mais grandiosos logo se tornaram temas centrais no folclore e mitologia da cidade, mesmo para aqueles que mais a amaram” (BERMAN, 1986, p.171)<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Considerando o conceito de Santos (2004a, p.103) que identifica a paisagem como o “conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área”.

<sup>19</sup> Este tópico especificamente é essencial para a compreensão do conceito de representações sociais aplicados à geografia da cidade de São Petersburgo que será explorado nos capítulos seguintes da monografia.

## 2.2 A imagem do czar Pedro, o Grande e seus sucessores

Pedro, o Grande aparenta ser, até os dias atuais, uma imagem controversa na cultura russa. Segundo Chernikova (2021, p.89), os historiadores soviéticos debateram em conjunto se o czar Pedro I, poderia ou não ser afirmado como um “revolucionário” enquanto imperador. Levando em consideração que as grandes reformas e implementações realizadas durante seu reinado são contestadas atualmente sob interpretações contraditórias, a autora afirma que:

As transformações sociais de Pedro, o Grande, tiveram um efeito paradoxal. Por um lado, sem dúvida, elas estabeleceram as condições prévias para uma verdadeira europeização da elite social russa. Por outro lado, a maior parte da população nunca saiu da impotência medieval da servidão. Isso é óbvio quando se observa a natureza da ocidentalização de Pedro, o Grande (CHERNIKOVA, 2021, p.90, tradução própria<sup>20</sup>).

No geral, Pedro I era descrito como um monarca de personalidade carismática e, acima de tudo, decisiva, tal qual seu antecessor Ivan, o Terrível<sup>21</sup>, que privilegiava o “sistema patrimonial”<sup>22</sup> da nobreza e da aristocracia russa do século XVIII para garantir certa permissividade política em seu Império (CHERNIKOVA, 2021, p.91). Além disso, no que concerne à personalidade do imperador, Pedro I era tido como “um autocrata com o caráter de hábitos extraordinários” que tinha uma forte vontade de quebrar os padrões russos e além (VOLKOV, 1997, p.31). Diferenciando-se de quase todos os demais monarcas da Rússia, Pedro, o Grande possuía “paradoxos e contradições sem conta”:

Em seus momentos alegres, comportava-se de modo gentil e bondoso. Porém, mais frequentemente enfurecia-se de forma imprevisível e assustadora, torturando pessoalmente os inimigos. Obviamente, precisou lutar pelo poder e, algumas vezes, pela própria vida. [...] Sem dúvida, isso influenciou muito seu caráter e

<sup>20</sup> No original: “Peter the Great’s social transformations had a paradoxical effect. On the one hand, they undoubtedly laid the preconditions for a genuine Europeanization of Russia’s social elite. On the other, the bulk of the population never emerged from the medieval impotence of serfdom. This is obvious from looking at the nature of Peter the Great’s Westernization.”

<sup>21</sup> Ivan IV Vasilyevich foi Grão-Príncipe de Moscou de 1533 até fundar por si próprio o Czarado da Rússia em 1547. Reinou, então, como czar até sua morte, em 1584. Buscou empreender uma série de reformas políticas de modernização de acordo com os padrões da Europa Ocidental do século XVII. Era chamado de “o terrível” por possuir uma imagem complexa na cultura russa (PERRIE, Maureen. *The Image of Ivan the Terrible in Russian Folklore*. 1987. 1. [S.l.]: Cambridge University Press. 280 páginas. ISBN 9780521891004).

<sup>22</sup> No artigo, a autora refere-se ao “Russia’s patrimonial system” (sistema patrimonial da Rússia) que consistia no controle e sistematização das terras e bens realizado pelo Império (*ib.*).

comportamento. [...] Por desígnio da providência, era infalível; seus desejos tinham de ser obedecidos, não importava a que custo (VOLKOV, 1997, p.32).

Nesse sentido, para compreender de que maneira a imagem do czar foi construída desde o início de seu reinado até a contemporaneidade, faz-se necessário ilustrar como as ações do czar impactaram o desdobramento de seu governo e quais os efeitos percebidos a partir de suas grandes implementações, ou seja, entender se suas reformas transformaram sua reputação no imaginário russo de maneira positiva ou negativa. Chernikova (2021) explica que:

Como soberano da Rússia, Pedro destruiu a barreira sociocultural da comunicação entre russos e estrangeiros. Parecia uma verdadeira revolução. Mas será que a “Revolução de Pedro, o Grande” foi realmente tão significativa? Ao迫使 a nobreza a obter uma educação secular no país ou no exterior, o czar lançou as bases para a modernização intelectual da elite [...] Mas será que ela aboliu o sistema patrimonial? Apesar de todas as mudanças sociais e políticas externas, ele não passou por uma reestruturação radical. Além disso, foi a estrutura de serviços patrimoniais do Estado russo que permitiu a Pedro superar com relativa facilidade o descontentamento popular causado pelo recrutamento de mão de obra, pelo aumento dos impostos e das obrigações para com o Estado e pela expansão da servidão (CHERNIKOVA, 2021, p.90, tradução própria<sup>23</sup>).

A manifestação do descontentamento das massas populares da Rússia rural e servil foi, aparentemente, uma das características que predominaram no Império de Pedro, o Grande<sup>24</sup>. Suas reformas, como os impulsos de modernização urbana com a construção da grande Petersburgo, a ocidentalização dos costumes russos e as políticas do sistema patrimonial russo, apesar de terem sido realizadas em grande escala, não foram percebidas como revolucionariamente positivas (CHERNIKOVA, 2021, p.90).

---

<sup>23</sup> No original: “As Russia’s sovereign, Peter destroyed the socio-cultural barrier on communication between Russians and foreigners. It looked like a real revolution. But was the “Revolution of Peter the Great” really so significant? By forcing the nobility to get a secular education at home or abroad, the tsar laid the foundation for the intellectual modernization of the elite. [...] But did it abolish the patrimonial system? Despite all the external social and political changes, it did not undergo a radical restructuring. Moreover, it was the patrimonial service structure of the Russian state that allowed Peter to overcome popular discontent caused by labor conscription, increased taxes and obligations to the state, and the expansion of serfdom, with relative ease.”

<sup>24</sup> A autora acrescenta que, como observado pelo poeta Aleksandr Púchkin, “O início dos dias gloriosos de Pedro foi ofuscado por revoltas e execuções” (CHERNIKOVA, 2021, p.91, tradução própria). No original: “The beginning of Peter’s glorious days was overshadowed by revolts and executions,’ Aleksandr Pushkin noted.”

Os experimentos europeizantes e modernizadores do imperador não teriam sido muito bem recebidos por seus súditos que, se não foram martirizados durante a construção de sua nova capital, por outro lado sofriam com as condições de vida precárias em São Petersburgo. Além disso, o processo repentino de transformar uma cidade completamente idealizada na capital do Império pode ser entendido como marcante para o controle do monarca e para a vida da população.

Sendo a capital do país, a cidade adquiriu características burocráticas, responsáveis pelas mais importantes resoluções dos imperadores que sucederam a Pedro. A população da cidade apresentava características interessantes, por ter sido criada e povoada por estrangeiros de diversas origens; além disso, por ter sido desde o início uma cidade voltada para a atividade administrativa, cultural etc., os locais de moradia eram poucos; havia muitos estrangeiros, operários, soldados e camponeses (AMÉRICO, 2006, p.35).

Enquanto antes o cotidiano do homem russo era delineado pelo estilo de vida moscovita<sup>25</sup>, as súbitas renovações do czar moldaram o início da centralidade petersburguesa no país. Berman (1986, p.170) reafirma que “nessa nova cidade, com uma janela aberta para a Europa, (Pedro I) descartou Moscou, com todos os seus séculos de tradição e aura religiosa”. Em vista disso, o autor adiciona que, ao forçosamente realocar Moscou para um segundo plano, o imperador buscava reescrever a história da Rússia e lhe dar um novo começo, “um novo princípio numa ardósia limpa”, de essência exclusivamente europeia: “a construção de Petersburgo foi planejada, projetada e organizada inteiramente por arquitetos e engenheiros estrangeiros, trazidos da Inglaterra, França, Holanda e Itália” (*ib.*).

Levando em consideração a magnitude das metamorfoses territoriais e, principalmente, culturais impostas pelo czar, a população parecia apreender sua imagem através de lentes cada vez mais negativas. Volkov (1997, p.37) aponta que, segundo uma tradição popular que surge no século XVIII, foi estabelecida uma hierarquia quase etérea, na qual “Pedro, o Grande, era um criador, e Petersburgo, criada por ele, o produto da inspiração divina”.

De certa forma, de acordo com as fontes consultadas, quanto mais São Petersburgo crescia como o centro urbano do Império, mais rapidamente desaparecia o tradicionalismo russo das massas populares. As grandiosidades de Pedro I transformaram sua cidade no

<sup>25</sup> Para Américo (2011, p.12), a vida em Moscou é essencialmente oposta à vida em Petersburgo: Moscou era uma cidade acolhedora, apressada e, sobretudo, russa: “Moscou é um caos, compreendido apenas pelos russos e pelos iniciados ao jeito russo.”

verdadeiro espelho da capital europeia moderna, como tanto o desejava, mas seus empenhos decorreram de sacrifícios que faziam de seu nome um a ser temido e não admirado. O czar teria procurado de forma tão incisiva erradicar a antiga cultura russa, que sua imagem parecia estar sendo pintada no imaginário popular como egoísta e impiedosa:

[...] na percepção da gente comum, todas as transformações que Pedro operava na Rússia, especialmente a nova e desarraigada capital que devorara tantas vidas russas, decorriam de maquinações do demônio. Por isso, as massas apelidaram-no de “anticristo”. A crença de que o fim iminente de Petersburgo acarretaria o fim do mundo era generalizada. Comentários rancorosos, sussurrados sobre a “cidade amaldiçoada” ou o “czar anticristo”, conduziam os acusadores à temida “Chancelaria Secreta”, encarregada da segurança interna, onde mesmo depois da morte de Pedro eram impiedosamente chicoteados, marcados com ferro em brasa, ou tinham seus ossos quebrados e suas línguas arrancadas. Mas as críticas maliciosas não cessaram. Embora reprimidas, perduraram ao longo da contínua expansão da capital, até sua beatificação (VOLKOV, 1997, p.38).

Pode-se dizer que a criação da cidade de São Petersburgo foi o ato mais marcante do czarado de Pedro, o Grande, e seus ideários mais expressivos (como a ocidentalização do povo e a modernização do território) não foram necessariamente aderidos com tanto vigor por todos aqueles que lhe sucederam ao trono. Conforme Volkov (1997, p.38), mais de sessenta anos depois de seu reinado, a Rússia teve apenas seis outros governantes em que apenas dois de seus pósteros perseguiam o seu sonho de uma “Nova Roma”<sup>26</sup>. As principais coroadas a darem continuidade a seu legado “modernizador” foram a sobrinha de Pedro, a “exigente e tirânica” Anna Ivanovna que reinou de 1730 a 1740, e a filha de Pedro, a imperatriz Isabel, que alcançou o trono em 1741, com apoio dos guardas do palácio (*ib.*).

Com o auxílio de suas fiéis imperatrizes, foi ao decorrer do século XVIII que São Petersburgo acabou se tornando “lar e símbolo de uma nova cultura secular oficial”. (BERMAN, 1986, p.171). A nova capital continuava sendo exponencialmente decorada e embelezada através da estética, da arquitetura e das formas ocidentais mais estilizadas na Europa: “simetria e perspectiva clássicas, grandiosidade barroca, jocosidade e extravagância

<sup>26</sup> A analogia entre São Petersburgo e Roma é recorrente nos estudos sobre as motivações e intenções de Pedro I para construção da capital: Roma em seu auge era central e gloriosa e o czar parecia almejar o mesmo. Por exemplo, em Américo (2006, p.74) “a cidade (São Petersburgo), que parecia pertencer somente ao tipo da cidade excêntrica, também pretendia ocupar a posição central, sendo a capital do país, uma nova Roma”. Além disso, Volkov (1997, p.30) explica que historiadores afirmavam que Pedro I reconhecia certas comparações e que, “particularmente a tradicional analogia entre a Rússia e Constantinopla — a “Nova Roma” — eram muito importantes para ele.”

rococó para transformar toda a cidade num teatro político e a vida cotidiana num espetáculo” (BERMAN, 1986, p.172).

O Palácio de Inverno, uma das mais marcantes construções da cidade de São Petersburgo, foi idealizado por Bartolomeo Rastrelli<sup>27</sup> (1754-1762) com o aval da czarina Isabel. A residência imperial à beira do Nievá foi pensada pelo arquiteto como uma construção luxuosa num estilo barroco rendado, esbanjando todo o tesouro de Isabel (VOLKOV, 1997, p.38).



**Figura 2:** “O Grande Salão”, Palácio de Inverno, São Petersburgo, 1837, pintura de óleo sobre tela por Vasili Semenovich Sadovnikov. Localizado em: Alexandre Puchkin Museum of Fine Arts, Moscou<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> Arquiteto russo, mas nascido na Itália, que representava o movimento Barroco. Responsável pela criação do grande “Palácio de Inverno”; antiga residência dos imperadores russos (hoje em dia o Museu Hermitage) (AMÉRICO, 2006, p.30).

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Vasili-Semenovich-Sadovnikov/61148/O-Grand-e-Sal%C3%A3o%C2C-Pal%C3%A1cio-de-Inverno%C2C-S%C3%A3o-Petersburgo%C2C-1837.html>.

Apesar de Anna e Isabel serem frisadas como as maiores perpetuadoras do legado petersburguês idealizado por Pedro, deve ser ressaltado que Catarina II (também conhecida como “a Grande”<sup>29</sup>) foi outra governante que teve papel imprescindível para a discussão da modernização no território russo, alavancada inicialmente por Pedro. Da mesma maneira que Isabel, Catarina, a Grande, chegou ao poder com o apoio e auxílio dos guardas palacianos, seduzidos pela vaidade da czarina. Manteve-se no trono por 34 anos, de 1762 a 1796, e, depois de Pedro I, é provavelmente a autoridade russa mais conhecida em todo o Ocidente (VOLKOV, 1997, p.40).

Além disso, Catarina II introduziu mudanças estéticas no planejamento das grandes cidades de seu Império, principalmente na capital São Petersburgo, assimilando um estilo neoclássico que começava a tomar conta da Europa Ocidental:

Catarina II fez do classicismo o estilo oficial e geral da arquitetura do Império Russo. O ideal clássico era uma medida de civilização e aprimoramento, um instrumento que aproximava a modernidade da antiguidade. A imperatriz organizou uma ampla rede de agentes para rastrear não apenas eventos políticos, mas também artísticos em toda a Europa. Além disso, os intelectuais russos deveriam iniciar os estudos em São Petersburgo e depois continuar o aprendizado no exterior; a “Academia Imperial de Artes” deveria controlar isso. No entanto, os intelectuais convidados de diferentes países europeus foram de maior importância para o desenvolvimento da arquitetura russa (SHVIDKOVSKY, 2023, p.12, tradução própria<sup>30</sup>).

Isto posto, deve ser somado que, durante seu reinado, a czarina também buscou implementar no território novas e extensas reformas que iam além do plano estético das cidades. Shvidkovsky (2023, p.13) explica que na era de Catarina II, “tanto as cidades quanto o campo mudaram radicalmente”, o sistema do uso do território mudava por todo o império, não exclusivamente em São Petersburgo e na antiga capital Moscou. Parecia existir um apelo à experiência de muitos países europeus e também a formação de uma nova consciência sobre as formas de organização do país por parte da imperatriz. O autor aponta que

---

<sup>29</sup> Segundo Volkov (1997, p.40), por ser “tão empreendedora quanto Pedro e infinitamente presunçosa, Catarina também foi cognominada a Grande, mas os autores variam muito na avaliação de sua importância histórica.”

<sup>30</sup> No original: “Catherine II made Classicism the official and overall style of architecture of Russian Empire. Classical ideal was a measure of civilization and improvement, an instrument drawing Modernity nearer to Antiquity. The Empress organized a wide net of agents her to trace not only political but also art events throughout Europe. Besides Russian masters were to begin studies in St. Petersburg and then had to continue learning abroad; the Imperial Academy of Arts was to control it. Nevertheless, masters invited from different European countries were of greater importance in the development of Russian architecture.”

Foram feitos planos regulares para cerca de 400 assentamentos - para todos os centros administrativos da Rússia. A “Comissão de Estradas” alterou a rede de tráfego do Império. A isenção do serviço público para os nobres conferiu outro caráter na vida rural e proporcionou o florescimento da cultura imobiliária russa, ou seja, a construção de dezenas de milhares de propriedades rurais com casas senhoriais e parques (p.11, tradução própria<sup>31</sup>).

Tal qual Pedro I, Catarina, a Grande, contemplava uma Rússia moderna e de beleza sofisticada dentro dos padrões estéticos da Europa Ocidental. Sua visualização, mesmo que em outra época, parecia assemelhar-se com certas características pensadas pelo antigo czar para seu reinado.

À vista disso, a imperatriz também corroborou com a tentativa de consolidar uma imagem positiva de seu antecessor diante da população russa. De acordo com Volkov (1997, p.42), “uma das mais sábias decisões de Catarina foi chamar Étienne Falconet<sup>32</sup> a Petersburgo”. A czarina tinha a intenção de levantar no centro da capital um monumento eterno para homenagear seu antecessor Pedro, o Grande. O escultor parisiense idealizou a estátua do czar como um cavaleiro vestido com uma capa, montado em seu belo cavalo, com a mão direita estendida e com uma serpente impotente aos pés do imperador.

---

<sup>31</sup> No original: “Regular plans for about 400 settlements were made out — for all administrative centers of Russia. The Commission for Roads changed traffic network of the Empire. Exemption from state service for nobles instilled another character into rural living and provided blossom of Russian estate culture, i.e. construction of tens of thousands country estates with manor houses and parks.”

<sup>32</sup> Étienne-Maurice Falconet (1716-1791), responsável pela estátua equestre de Pedro I, é “considerado a expressão mais relevante do rococó (estilo decorativo originado na França do início do século XVIII que representava uma reação à imponência e à sublimidade do barroco).” (AMÉRICO, 2006, p.31).



**Figura 3:** “O cavaleiro de bronze”, fotografia por William C. Brumfield, 1985. Monumento para Pedro, o Grande, 1768-1778, esculpido por Étienne Maurice Falconet. Localizado em: Museu de Arte Russa, Minneapolis<sup>33</sup>.

O local no qual o monumento deveria ser eternizado também foi estrategicamente pensado por Catarina: na “Praça do Senado”<sup>34</sup>, próxima do Almirantado<sup>35</sup>, o lugar escolhido encontrava-se na área mais movimentada da cidade de São Petersburgo e aparentava estar permanentemente cercado de admiradores (VOLKOV, 1997, p.44).

Sua inauguração foi marcada para o dia 7 de agosto de 1782 (data do centésimo aniversário da ascensão de Pedro I ao trono), e dezesseis anos após Falconet ter começado sua obra. No entanto, pouco tempo antes de sua exposição oficial, Catarina II exigiu que um

<sup>33</sup>Disponível em: <https://tmora.org/online-exhibitions/imperial-st-petersburg-architectural-visions/st-petersburg/the-bronze-horseman/>.

<sup>34</sup> Localizada a margem esquerda do Rio Nievá, próxima do Almirantado e da perspectiva principal “Nevski Prospekt”, instituída por Pedro, o Grande, antes conhecida como “Praça de Pedro” (Петровская площадь) (Portal Oficial de Administração de São Petersburgo - Администрации Санкт-Петербурга: [www.gov.spb.ru](http://www.gov.spb.ru)).

<sup>35</sup> O Almirantado de São Petersburgo, finalizado em 1823, é a antiga sede do “Conselho de Almirantes e Marinha Imperial Russa” (Portal Oficial de Administração de São Petersburgo - Администрации Санкт-Петербурга: [www.gov.spb.ru](http://www.gov.spb.ru)).

último acréscimo fosse feito à sua homenagem: uma inscrição deveria ser gravada no pedestal da estátua, com os dizeres “Para Pedro I de Catarina II” – seu pedido conferia a si mesma um destaque ainda mais potente, “além de enfatizar e legitimar sua posição de herdeira do grande monarca” (VOLKOV, 1997, p.43-44).

Não obstante a confirmação da autoridade da imperatriz através de suas realizações, dado o alcance de sua homenagem a Pedro e a expressão de tantos de seus ideais similares ao do imperador, assumo aqui que Catarina II parecia possuir certa admiração pela imagem de seu antecessor.

Sobretudo, o reinado de Pedro, o Grande deixou grandes marcas na memória popular russa e suas sucessoras aderiram seus princípios de forma a concretizar sua influência. A estátua do “cavaleiro de bronze”, principalmente, pode ser tida como uma manifestação inconfundível de seu legado e do de Catarina, evidente não apenas em São Petersburgo, mas em toda a Rússia:

As virtudes do monumento de Falconet foram alvo da admiração geral, mas é pouco provável que os observadores se dessem conta do seu significado histórico. E enquanto caminhavam a seu redor, descobrindo as mais variadas expressões da estátua do imperador - sábio e determinado legislador, líder militar destemido, inflexível imbatível monarca -, os satisfeitos cidadãos sequer imaginavam que a escultura tornar-se-ia a mais importante e popular representação da cidade. Muito menos que os primeiros e tortuosos passos, cheios de implicações políticas e culturais, que acabariam por elevá-la à condição de metáfora permanente, seriam dados por um poeta russo ainda não nascido (VOLKOV, 1997, p.44).

### **3. As representações sociais**

Para entender de que forma a história e o processo de construção da cidade de São Petersburgo expressam-se no simbolismo cultural russo, faz-se necessário compreender como o desenvolvimento das representações sociais nacionais consolidaram a imagem predominantemente negativa da capital.

A teoria sociológica de Serge Moscovici conceitualiza as representações como um fenômeno social comum a ser entendido através da percepção e comunicação coletiva da realidade (MOSCOVICI, 1961, p.808). À vista disso, busca-se abordar aqui de que forma o conceito em questão pode ser aplicado às interpretações predominantes da antiga capital

russa, São Petersburgo, e como seus aspectos geográficos influenciam na compreensão social deste fenômeno.

### **3.1 A teoria e conceitualização de Serge Moscovici**

Serge Moscovici (1925-2014), psicólogo social romeno (naturalizado francês), foi o autor central na conceitualização do fenômeno das representações sociais: em sua obra principal sobre o tema, “A psicanálise, sua imagem e seu público”<sup>36</sup>, encontra-se a matriz de sua grande teoria, que foi desenvolvida principalmente durante a década de 1960 na França, “causando espécie nos meios intelectuais pela novidade da proposta” (ARRUDA, 2002, p.128).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici, idealiza um “conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade”, compreendendo valores, ideias e práticas que são expressos na construção de uma realidade social (ARRUDA, 2002, p.129). Nesse sentido, Arruda (1998, p.72) define que as representações sociais “constituem uma forma de metabolizar a novidade, transformando-a em substância para alimentar nossa leitura de mundo, assim incorporar o que é novo”.

Nomeadamente, a premissa de Moscovici parte do pressuposto de que:

[...] existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, pregnantes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana (ARRUDA, 2002, p.130).

À vista disso, é imprescindível distinguir a importância da comunicação e da linguagem para a consolidação do conceito das representações sociais em Moscovici. Para o autor, “a representação social e a comunicação são aspectos complementares do mesmo movimento” (MOSCOVICI, 1961, p.808, tradução própria<sup>37</sup>). Dessa forma, ambos os fenômenos (comunicação e linguagem) tornam-se especialmente importantes para

<sup>36</sup> MOSCOVI, Serge. “La psychanalyse, son image et son public”, University Presses of France, 1961/1976 (No Brasil: A Psicanálise, sua imagem e seu público, Editora Vozes, 2012 - baseada na versão de 1976).

<sup>37</sup>No original: “représentation sociale et communication sont des aspects complémentaires d'un même mouvement”.

compreender a maneira que as trocas cotidianas constroem o cenário cultural de um grupo e, consequentemente, estruturam uma representação. Sobretudo, o conceito de representação social é entendido como um conjunto de proposições e explicações impressas no cotidiano e no processo de comunicação interindividual sendo “o constructo de um objeto e a expressão de um sujeito” (TORRES, 2009, p.12).

Além disso, Moscovici (1978, p.26) declara que “em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”.

Apesar de Serge Moscovici ter desenvolvido a Teoria das Representações Sociais em sua forma mais disseminada na atualidade, Émile Durkheim (1858-1917) foi o primeiro teórico a falar em representação social como “representação coletiva” ao designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual (CRUSOÉ, 2004, p.106). Para Durkheim, “as representações coletivas, por serem fruto dos acontecimentos sociais, se constituem em fato social e, como tal, são resultado de uma consciência coletiva e não de uma consciência exclusivamente individual” (CRUSOÉ, 2004, p.106). No entanto, Moscovici (1978)<sup>38</sup> entende que a representação social deve ser classificada “tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, p. 45 *apud* CRUSOÉ, 2004, p.106).

Segundo Oliveira (2004, p.184), o psicólogo francês afirma que a separação entre representações individuais e coletivas exposta por Durkheim está correta, entretanto, reconhece que o problema em sua afirmação encontra-se nos detalhes e nas singularidades, acima de tudo, no fato de que as representações coletivas tratam de fenômenos gerais e os “relacionam a práticas ou realidades que não o são”. O autor explica que:

A substituição do termo “coletivas” por “sociais” marca, assim, a original diferença estabelecida em relação a Durkheim. A pedra de toque do argumento foi, de um lado, o estabelecimento das fraturas existentes nas “forças coletivas” e, de outro, a maneira pela qual essas fraturas impactam diversamente o cotidiano de grupos e indivíduos. De fato, no início de sua obra, Moscovici parecia oscilar entre reconhecer ou não a autonomia das idéias (ou do universo ideológico) e seu impacto sobre o comportamento coletivo (OLIVEIRA, 2004, p.183).

---

<sup>38</sup>MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Rompendo com o entendimento durkheimiano, Moscovici reconhece em sua teoria que “representar é um processo de produção de conhecimento que funciona como que “rolando” por sobre estruturas sociais e cognitivas locais (e populares), sendo, portanto, sócio-variável” (OLIVEIRA, 2004, p.183). Além disso, Moscovici (2003)<sup>39</sup> afirma que as representações têm a natureza mesma dos grupos sociais que as criam, e sua eficácia, prática ou simbólica, depende dessa inserção, não podendo jamais ter sentido universal (OLIVEIRA, 2004, p.183).

Complementarmente, o autor explica dois processos essenciais que transformam a teoria da representação em um fenômeno social, denominados por ele como ‘objetivação’ e ‘ancoragem’:

Por um lado, o processo de objetivação dos elementos de representação fornece uma textura para a realidade, uma imagem para a teoria; por outro lado, o processo de ancoragem enriquece o modelo figurativo da psique com um conjunto de índices de significação, na medida em que é usado instrumentalmente, a teoria é falada e o comportamento dos outros é ordenado. Em mais de uma maneira, a representação se torna social (MOSCOVICI, 1961, p.809, tradução própria<sup>40</sup>).

Faz-se necessário ressaltar também que na teorização de Moscovici (1961), as representações sociais são, em sua essência, construídas por meio de todas as manifestações práticas e abstratas de um grupo de indivíduos, estas que compõem sua identidade sociocultural, no entanto, é fundamental enfatizar que estas representações não são reproduções completamente verossímeis da realidade, o que nos leva a apreender que:

Qualquer uma dessas<sup>41</sup> práticas mentais (e sociais), afirma o autor (Moscovici), é sempre uma forma de representação. Não são realidades, mas representações dela. Portanto, segundo Moscovici, é em função das representações (e não necessariamente das realidades) que se movem indivíduos e coletividades. Saber como se formam ou como operam essas representações – onde se misturam a um só tempo pensamento primitivo, senso comum e ciência – tece a trama da discussão apresentada (OLIVEIRA, 2004, p.183).

<sup>39</sup> MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, 404 pág. Trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000].

<sup>40</sup> No original: “D'une part celui d'objectivation des éléments de la représentation fournit une texture au réel, une image à la théorie; d'autre part celui d'ancrage enrichit le modèle figuratif du psychisme d'un ensemble d'indices signifiant, dans la mesure où l'on y recourt instrumentalement, où l'on parle la théorie, où l'on ordonne le comportement d'autrui. A plus d'un titre la représentation devient sociale.”

<sup>41</sup> O autor refere-se ao pensamento coletivo, ao senso comum e às expressões teórico-científicas (*ib.*)

É certo que o conceito de Moscovici (1978, p.41) abarca as perspectivas populares como um dos pilares principais da estrutura de representações sociais como teoria, entretanto, isto não significa que a representação seja um mero espelho do real. As interações sociais, na verdade, fazem das representações concepções diversas da realidade e, para Moscovici, a representação possui uma dupla dimensão inerente entre “Sujeito e Sociedade”, e está situada no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos (CRUSOÉ, 2004, p.106).

A representação social carrega em si aspectos específicos do real e é traduzida para algum simbolismo ou prática popular, estes sempre repletos de convicções dos indivíduos de um grupo. Nesse sentido, “a representação, como sistema contextualizado, nos remete à questão da significação<sup>42</sup>, um dos elementos fundamentais de uma representação, justamente porque tal elemento é determinado pelo contexto, que pode ser discursivo ou social” (CRUSOÉ, 2004, p.109).

### **3.2 Representações sociais na Geografia**

Para situar de que forma a Geografia pode ser associada à teoria moscoviciana, deve-se ressaltar que “devido ao caráter polimorfo das representações sociais e ao fato da teoria ter como matéria o senso comum, ela está aberta a contribuições e aprofundamentos em diversos aspectos” (FURINI, 2011, p.03). Nesse sentido, reconhece-se que as representações sociais fazem parte das sociedades como um todo e seu estudo contribui para a compreensão de aspectos das tomadas de posição dos respectivos grupos sociais (*ib.*).

Além disso, o conceito de representações sociais de Moscovici é fundamental para o entendimento das intersecções existentes dentre os estudos sociais, considerando que:

A representação social é um conceito central para as teorias do pensamento social, no qual busca-se conhecer os contextos históricos, culturais e ideológicos cujos conteúdos são valorizados e articulados aos processos; é dado um valor central aos processos de interação na formação do pensamento do senso comum, no qual se articulam os planos cognitivo, avaliativo e emocional e o pensamento social passa a ser entendido como ingênuo, considerando que a totalidade não se obtém por um simples somatório de partes (TORRES, 2009, p.68).

No que concerne à Geografia, Furini (2011, p.03) afirma que:

---

<sup>42</sup> No texto, “a dimensão simbólica (da representação) está relacionada à significação, já que se trata de verificar a hipótese de que os comportamentos dos sujeitos não são determinados pelas características objetivas da situação, mas pela representação dessa situação (ABRIC, 1994, p.188 apud CRUSOÉ, 2004, p.110).

Ao apresentarmos uma forma de articulação da análise das representações sociais no âmbito do espaço geográfico, privilegiamos o aspecto processual em que a espacialização das subjetividades e a subjetividade das espacializações não podem ser diretamente apreendidas, mas a existência de inter-relações pode ser observada ao se correlacionar representações sociais com espacialidades de temas específicos.

Para uma melhor compreensão do papel das representações sociais na Geografia, faz-se necessário ilustrar a maneira pela qual suas principais categorias são definidas e interpretadas de forma geral na disciplina. Henri Lefebvre (1974)<sup>43</sup>, antes de tudo, é um autor a ser destacado por contribuir para a construção de “uma espécie de semiologia do espaço que consegue unir teoria e prática” (SOUZA, 2009) e, consequentemente, contribuir para a compreensão das representações sociais na Geografia.

Ao discorrer sobre a produção social do espaço, Lefebvre (2006, p.65) define três diferentes formas de interpretar o espaço, sendo elas: o espaço percebido; o espaço concebido; e o espaço vivido. Em primeiro lugar, o espaço percebido faz referência a realidade cotidiana e a realidade urbana<sup>44</sup>, no qual a competência e a performance espaciais próprias a cada membro da sociedade podem ser entendidas apenas empiricamente (LEFEBVRE, 2006, p.66). Nesse sentido, a prática espacial “moderna” é definida pela vida cotidiana e, para Lefebvre, toda prática espacial deve possuir uma certa coesão<sup>45</sup> (*ib.*).

O espaço concebido, por outro lado, faz alusão às representações do espaço e é tido como o espaço dos cientistas, dos planificadores, dos urbanistas, dos tecnocratas “retalhadores” e dos “agenciadores” (LEFEBVRE, 2006, p.66). Para Lefebvre, o espaço concebido é “o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente” (*ib.*).

Por fim, Lefebvre (2006, p.66) entende o espaço vivido como os “espaços de representação”. De acordo com o autor, o espaço é *vivido* por meio das imagens e dos símbolos que o acompanham e Lefebvre considera o espaço vivido como aquele dos “habitantes”, de seus próprios “usuários”, mas também o espaço de certos artistas, como os escritores e os filósofos. Nas palavras de Lefebvre, “trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de

<sup>43</sup> LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris, Ed. Anthropos, 1974. DOI: 10.3406/homso.1974.1855.

<sup>44</sup> Ou seja, refere-se ao “emprego do tempo” e aos “percursos e redes ligando os lugares do trabalho, da vida “privada”, dos lazeres”, respectivamente (*ib.*).

<sup>45</sup> O que, para o autor, “não quer dizer uma coerência (intelectualmente elaborada: concebida e lógica)”.

representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais" (LEFEBVRE, 2006, p.66). Isto posto, comprehende-se através da conceitualização lefebriana que as representações do espaço coexistem em uma relação dialética.

Em sua teoria, Moscovici (2003)<sup>46</sup> fala da existência de um pensamento social que nasce a partir das inter-relações sociais e aponta que as representações sociais são geradas em espaços de encontro e em meios de comunicação social a partir das interações (FURINI, 2011, p.11). Nesse sentido, podemos acrescentar que o espaço é capaz de gerar uma miríade de representações, mas "é na dualidade sujeito-objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda a forma de representação" (GIL FILHO, 2005, p.51).

Segundo Gil Filho (2005, p.52), ao considerar as representações como cernes da consciência, percebem-se diversos tipos de interações possíveis entre os conteúdos de um fenômeno e sua dinâmica representativa. Existe, afinal, uma relação dialética entre objetividade e subjetividade<sup>47</sup> que estruturam uma representação, principalmente no que diz respeito às interpretações sociais das categorias geográficas. Isto posto, haveria, segundo o autor, a atuação de um movimento de modelização simbólica, ou seja, um processo de ressignificação dos objetos rumo à realização das representações (GIL FILHO, 2005, p.52).

De acordo com Serpa (2005, p.221), ao afirmarmos que percepção e cognição não são o mesmo conceito, é necessário entender a relevância da adoção de métodos e teorias que "dêem conta da complexidade dos processos cognitivos e dos respectivos 'espaços de representação'" proposto por Lefebvre. O autor aponta que, de modo geral, a tríade dos conceitos de espaço de Lefebvre constituem-se essencialmente através de práticas espaciais, englobando produção e reprodução, considerando lugares específicos e conjuntos espaciais característicos para cada formação social; das representações do espaço, que incluem os signos e códigos comuns de um grupo; dos espaços de representação, repletos de simbolismos complexos, que carrega a expressão da vida social e da arte (SERPA, 2005, p.222).

Enfim:

Os "simbolismos complexos" de Lefebvre referem-se obviamente às estruturas e aos processos de cognição [...] O espaço percebido está relacionado diretamente aos

<sup>46</sup> MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

<sup>47</sup> Considerando a objetividade como reflexo material de um espaço e a subjetividade como a expressão simbólica dele.

objetos e aos fenômenos imediatos, carecendo de elaborações simbólicas de cunho complexo. É o campo dos perceptos, embora haja, já aí, o início da incorporação dos objetos e dos fenômenos às estruturas cognitivas. O espaço concebido é símbolo que carece de perceptos, que busca se incorporar às estruturas cognitivas sem a legitimação das práticas espaciais cotidianas, influenciando, porém, diretamente nos espaços de representação. Estes últimos são, em última instância, o lócus dos processos cognitivos e das representações sociais. É o espaço das mediações e da interlocução entre o percebido e o concebido. É também o espaço vivido dos conflitos e das lutas (SERPA, 2005, p.222).

Serpa (2005, p.228) também acrescenta que os espaços de representação não são estáticos ou inertes de forma que “ora se contrapõem, ora se justapõem, ora imbricam-se num campo de forças, que estabelecem uma relação tensional entre vivência e experiência, entre percebido e vivido, entre percepção e cognição”. Para Lefebvre (2006, p.69) “as representações do espaço seriam penetradas de saber (conhecimento e ideologia misturadas) sempre relativo e em transformação”<sup>48</sup>. O que o filósofo argumenta sobre a autenticidade dessas representações é, de certa maneira, uma sensação de ambiguidade:

Verdadeiras ou falsas? A questão não tem sempre um sentido definido. A perspectiva é verdadeira ou falsa? Abstratas, com certeza, as representações do espaço entram na prática social e política, as relações estabelecidas entre os objetos e as pessoas no espaço representado dependendo de uma lógica que os faz, cedo ou tarde, explodir porque incoerentes (LEFEBVRE, 2006, p.69).

Por outro lado, os espaços de representação são, para o autor, repletos de imaginário e de simbolismo, tendo como origem a história, de um povo e a de cada indivíduo pertencente a esse povo: “O espaço de representação se vê, se fala; ele tem um núcleo ou centro afetivo, o Ego, a cama, o quarto, a moradia ou a casa; - a praça, a igreja, o cemitério. Ele contém os lugares da paixão e da ação, os das situações vividas, portanto, implica imediatamente o tempo” (LEFEBVRE, 2006, p.70).

Ademais, Lefebvre (2006, p.76) considera que “se há produção e processo produtivo do espaço, há história”. Dessa forma, a história do espaço, e de sua produção enquanto

---

<sup>48</sup> Para Lefebvre (2006, p.74), “a ideologia e o saber, mal discerníveis, entram no conceito mais amplo de representação, que suplanta desde logo o de ideologia. Esse conceito pode servir de instrumento (operatório) para a análise de espaços, assim como de sociedades que os geraram e se assenhorearam deles”.

“realidade”, evidencia suas formas e representações<sup>49</sup>. Destaca-se, então, um laço entre o processo produtivo do espaço e suas representações sociais:

Conviria não apenas estudar a história do espaço, mas a das representações, assim como a dos laços entre elas, com a prática, com a ideologia. Uma tal história comportaria, por conseguinte, a gênese desses espaços, mas sobretudo de suas conexões, distorções, deslocamentos, interferências e de seus laços com a prática espacial das sociedades (modos de produção) (LEFEBVRE, 2006, p.70).

Ainda segundo Lefebvre:

Pode-se supor que a prática espacial, as representações do espaço e os espaços de representação intervêm diferentemente na produção do espaço: segundo suas qualidades e propriedades, segundo as sociedades (modo de produção), segundo as épocas. As relações entre esses três momentos – o percebido, o concebido, o vivido – nunca são simples, nem estáveis, tampouco são, mais “positivas”, no sentido em que esse termo opõe-se ao “negativo”, ao indecifrável, ao não-dito, ao interdito, ao inconsciente. Esses momentos e suas conexões cambiantes são conscientes? Sim, e contudo mal conhecidos. Pode-se declará-los “inconscientes”? Não, pois geralmente são ignorados, e a análise os retira da sombra, com risco de equívocos. Tais conexões, das quais sempre é preciso falar, o que não equivale a saber, mesmo “inconscientemente” (LEFEBVRE, 2006, p.75-76).

Além disso, a teoria proposta por Moscovici (2001) entende as representações sociais como “tudo aquilo que se propõe a tornar algo ou alguém não familiar em algo ou alguém familiar” (GIL FILHO, 2005, p.56). De modo geral, a percepção do espaço e do território por denominado grupo é um fator essencial para o processo de comunicação social que dá origem a sua representação. Segundo Gil Filho (2005, p.55), a teoria de Moscovici expressa que “o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade”.

Para mais, pode-se assumir uma possível influência da Teoria de Moscovici para além da Psicologia, inclusive dentre as Ciências Sociais e na Geografia, ao entendermos sua proposta como “o estudo de como e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como transformam ideais em práticas” (MOSCOVICI, 1990, p.164).

<sup>49</sup> Vale ressaltar que, além da evidência de suas formas e representações, “as forças produtivas (natureza, trabalho e organização do trabalho, técnicas e conhecimentos) e, obviamente, as relações de produção, têm um papel na produção do espaço” (LEFEBVRE, 2006, p.76).

### **3.3 A São Petersburgo “mítica”: os aspectos geográficos da cidade e suas associações culturais na Rússia Imperial**

Diante de todas as complicações que se desdobravam na nova capital desde de sua criação, a figura de São Petersburgo crescia dentre as massas populares da Rússia por meio de interpretações alegóricas: “Atribuía-se à mítica criatura o poder de prognosticar a súbita destruição da cidade, e a própria natureza sugeria de que maneira isso ocorreria: inundações se sucediam, quase anualmente, provocando destruição e mortes” (VOLKOV, 1997, p.37).

Américo (2006, p.40) explica que, desde a consolidação da capital, “começaram a surgir entre o povo rumores de que a cidade, construída em um local imprestável para a vida, seria logo devastada pela natureza”. As consequências decorrentes das metamorfoses estruturais e também culturais impostas para a consolidação de São Petersburgo pareciam impactar diretamente a perspectiva popular que existia sobre a cidade. Os decretos europeizantes do imperador e as catástrofes associadas aos atributos geográficos do sítio em que São Petersburgo foi erguida fortaleciam cada vez mais a disseminação da representação da capital como uma entidade mitológica.

No que diz respeito à definição da simbologia de São Petersburgo em um plano mítico, Américo (2006, p.40) comprehende que “onde há o mito de criação, sempre há também o mito escatológico, as narrativas do fim do mundo. Entre esse tipo de mito existe um grande número de temas diluvianos (é o caso de mito de São Petersburgo)”. Neste caso, o autor leva em consideração que nos mitos “estão entrelaçados os elementos da religião, filosofia, ciência e arte” e define que são considerados “escatológicos” aqueles que narram aspectos do fim, do caos e da destruição (AMÉRICO, 2006, p.39).

Em Américo (2006, p.57), “São Petersburgo significava a conquista de um novo espaço, a expansão do interior para o exterior, para um espaço instável, no limite de dois mundos, próximo do espaço alheio, do desconhecido; um espaço onde se intensifica a luta do artificial contra o natural”. Nesse sentido, ambas a localização fronteiriça quanto às características geográficas do sítio controverso escolhido por Pedro I, expressavam-se continuamente de maneira catastrófica, aparentando impactar imprescindivelmente a apreensão da cidade no imaginário cultural russo e, consequentemente, fomentar dentre as massas populares a gênese de um mito escatológico em Petersburgo. O autor aponta que:

A nova cidade renuncia a ordem antiga significando uma mudança radical do tempo, a negação do passado, uma visão do futuro. Entretanto, examinando os

mitos que anunciam o Dilúvio próximo, constatamos que uma das causas principais reside no pecado dos homens, assim como na decrepitude do Mundo. “Os mitos de Dilúvio - segundo Eliade, são os mais numerosos e quase universalmente conhecidos. Em muitos mitos, o Dilúvio está relacionado a uma falha ritual, que provocou a cólera do Ente Supremo; algumas vezes, resulta simplesmente da vontade do Ente em acabar com a humanidade”. O espaço fronteiriço não é conquistado por completo, ele é apropriado, nele há luta constante contra a natureza. No caso de São Petersburgo a água luta contra a pedra; a água corre, segue seu rumo, a pedra invade seu território; a água mina o adversário com constância, lentamente; a pedra ainda resiste às inundações (AMÉRICO, 2006, p.57).

À vista disso, a apreensão popular de São Petersburgo em um plano fantástico aparenta fazer parte de um processo de formação e de manifestação de representações sociais no imaginário russo. Compreende-se que estas interpretações do espaço, que transformam-se em representações sociais, são fruto da constituição de uma realidade comum em que as representações coletivas espelham a própria trama da vida social, indicando a existência de um caráter relacional entre fenômenos, indivíduos e grupos sociais (GIL FILHO, 2005, p.55).

Nesse sentido, as consequências das imposições de Pedro I pareciam transparecer gradualmente no cenário cultural russo: os eventos catastróficos ligados aos aspectos geográficos, sobretudo climáticos, da cidade relacionavam-se diretamente com os impactos da tentativa de ocidentalização do povo alavancado pelo imperador. Volkov (1997, p.55) explica que:

O povo percebia a aparência ímpia e adventícia de Petersburgo, que lhe parecia um polvo gigantesco, sugando o sangue vital da Rússia. Gogol legitimou essa visão, expondo as confusas dúvidas do povo no famoso verso — *Rússia precisa de Moscou; Petersburgo precisa da Rússia*.

Nikolai Vasilyevitch Gogol<sup>50</sup> (1809-1852), foi um dos grandes autores responsáveis por inaugurar a prosa russa do século XIX<sup>51</sup>, possuindo como estilo característico a presença da sátira e de forte crítica social em suas obras (MACHADO, 1982, p.02). De acordo com Lavrin (1970, p.08), a reputação de Gogol relaciona-se principalmente com duas de suas grandes obras: o romance “Almas mortas” e a comédia satírica “O inspetor do governo”, ambas marcos da literatura do seu país natal, e enquanto uma delas desempenhou um papel

<sup>50</sup> Autor russo nascido na Ucrânia em 1809, na época parte do Império Russo.

<sup>51</sup> Forma de escrita que posteriormente influenciaria escritores clássicos como Liev Tolstói e Fiódor Dostoiévski (MACHADO, 1982, p.02).

notável no desenvolvimento da ficção russa, a outra é importante para a história do teatro e do drama russos modernos. Além disso, o autor afirma que estas duas obras são complementares, na medida em que ambas revelam com perfeição uma das características básicas do seu caráter de escrita: o “pathos de acusação<sup>52</sup>” (*ib.*).

Segundo Volkov (1997, p.55), a importância da crítica à Petersburgo nas representações literárias e teatrais de Gogol era reconhecida por todo o Império, quase tudo que o autor declarava, “por inspiração divina, como profeta e conselheiro espiritual, conforme ele próprio se considerava, convertia-se em lei para os eslavófilos<sup>53</sup>”:

O veredito de Gogol tornou-se clichê para os eslavófilos, importante movimento nacionalista, de cunho literário, filosófico e político [...] que reivindicava uma via especial de desenvolvimento para a Rússia, diferente dos modelos ocidentais. Eles consideravam todo o período Petersburgo da história do país um trágico equívoco, advogando a volta aos tempos que antecederam ao reinado de Pedro, suas normas patriarcais e formas peculiares de vida social. Seu grito de guerra era “Vida longa a Moscou! Abaixo Petersburgo!” (*ib.*)

Além disso, o autor complementa que os ideais de Gogol sobre a capital dominavam a cultura popular petersburguesa de forma a apagar a supervalorização imposta por Pedro, o Grande (VOLKOV, 1997, p.55). Nesse sentido, a combinação entre a interpretação mítica da cidade pelas massas populares e a difusão da aclamada literatura de Gogol concretizava a representação social “amaldiçoada” de São Petersburgo preponderante no século XIX:

[...] a ideia mítica e a opinião negativa que ele (Gogol) expressou sobre Petersburgo dominavam as mentes de seus contemporâneos, superando facilmente os cem anos de louvação à capital. Trata-se de um caso extremamente raro, em que o texto produzido por um único homem, ainda que de reconhecido gênio literário, pode mudar tão drasticamente a percepção já consolidada das classes instruídas de uma grande cidade. *De fato, o mito de Petersburgo mudou da versão de Pedro para a de Gogol.*

---

<sup>52</sup> O “pathos de acusação” seria a tendência do autor em realizar críticas sociais e em expor “a vida que o rodeava [...] em grande parte responsável pelo rancor com que ele castigava a realidade por ser o que era.” (LAVRIN, 1970, p.08).

<sup>53</sup> Termo derivado de “eslavofilia”, movimento intelectual originário do século XIX que buscavam o crescimento do Império Russo com base em valores e instituições derivadas da história inicial da própria Rússia, seus membros se opunham fortemente às influências da Europa Ocidental na Rússia (Definição: “Slavophile in Russian history”. Disponível em: Encyclopædia Britannica, <https://www.britannica.com/topic/Slavophile>).

São Petersburgo era representada na obra de Gogol como “uma sedutora, mas ao mesmo tempo aterrorizante e demoníaca cidade” (VOLKOV, 1997, p.52). A descrição predominantemente negativa da cidade na literatura tornava-se cada vez mais explícita e parecia ser a expressão direta de um sentimento popular russo geral do século XIX. No entanto, é necessário ressaltar novamente que, para Moscovici (2003)<sup>54</sup>, estas práticas sociais e mentais, que incluem a expressão do pensamento e do senso comum, são “sempre uma forma de representação. Não são realidades, mas representações dela. Portanto, segundo Moscovici, é em função das representações (e não necessariamente das realidades) que se movem indivíduos e coletividades” (OLIVEIRA, 2004, p.182).

Diante disso, apesar da visão das massas populares ter sido fundamental para a consolidação da representação perversa da capital, a imagem “demoníaca” de São Petersburgo é, acima de tudo, mítica:

A Petersburgo criada pela imaginação de Gogol não é uma cidade real, mas uma terra de mortos-vivos, um buraco negro que engole pessoas — o Grande Nada — ou “o ápice do vazio”, segundo ele próprio. Na sua obra, a forte rejeição à cidade, típica da gente comum, vem lenta mas inexoravelmente à tona, integrando-se ao discurso social e filosófico das camadas instruidas (VOLKOV, 1997, p.54).

Embora a representação adversa dos aspectos geográficos da cidade de São Petersburgo tenha sido predominante na época, parecia crescer no âmbito cultural a construção de uma dicotomia latente entre a antiga capital, Moscou, e a nova cidade de Pedro. Como aludido anteriormente, Berman (1986, p.170) explica que as interpretações populares passaram a atribuir às duas cidades características contraditórias, nas quais São Petersburgo não era capaz de carregar em si a alma do povo russo: “Petersburgo como a cabeça da Rússia, Moscou como o seu coração”. No que diz respeito às expressões mais significativas dessa oposição, sabe-se que, em 1837, Gogol foi o primeiro autor a comparar literariamente as duas cidades (VOLKOV, 1997, p.54).

Na compreensão popular, Moscou simbolizava tudo o que era nacional, verdadeiramente russo e familiar, uma cidade cujas raízes remontavam à tradição religiosa, legítima herdeira de Constantinopla, a Terceira Roma, conforme os

---

<sup>54</sup> MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).

monges ortodoxos do século XVI ensinaram, excluindo a possibilidade de uma quarta (VOLKOV, 1997, p.54).

A interpretação que o homem petersburguês possuía da própria cidade, desde sua origem, parecia tornar-se cada vez mais contraditória. As representações de São Petersburgo na cultura russa colocavam a capital em um plano conflituoso, no qual a população reconhecia sua importância, mas a temia imensamente. Pode-se aludir, através das palavras de Carlos (2007, p.83), que:

A cidade é o lugar dos conflitos permanentes e sempre renovados, lugar do silêncio e dos gritos, expressão da vida e da morte, da emergência dos desejos e das coações, onde o sujeito se encontra porque se reconhece nas fachadas, nos tijolos ou, simplesmente porque se perde nas formas sempre tão fluídas e móveis.

Enfim, comprehende-se que as representações sociais da cidade de São Petersburgo seguiram, quase que permanentemente, negativas através da história, não podendo negar a influência de Gogol em sua construção inicial (VOLKOV, 1997, p.60). Para mais, pode-se adiantar que a abordagem literária de Fiódor Dostoiévski (1821-1881) foi de imensa importância para a consolidação da imagem ímpia da capital no imaginário russo de maneira que sua abordagem crítica das características petersburguesas impostas por Pedro fortaleceram ainda mais a forma de representação simbólica de Petersburgo:

O que a tornou histórica, contudo, foi a estreia de Fiódor Dostoiévski, aos 24 anos, com a novela significativamente intitulada “Gente Pobre”, escrita em pouco mais de nove meses, num quarto de pensão mesquinhamente mobiliado, perto da Catedral de São Vladimir. O autor conta a história da cidade do ponto de vista das suas esquinas escuras, pontos de encontro de indivíduos acanhados, honestos e singelos, e garotas humilhadas e tristes. O resultado é uma imersão intensa nos fatos psíquicos desses personagens, ou como ele próprio definiu mais tarde, uma “visão sobre o Nievá” (VOLKOV, 1997, p.60).

Portanto, evidenciaremos a seguir a maneira em que a percepção do autor foi transmitida através de sua literatura e de que forma suas obras captaram a representação coletiva de caráter mítico, alegórico e predominantemente negativo da cidade de São Petersburgo dos séculos XVIII ao XIX.

#### **4. A representação da cidade de São Petersburgo na literatura russa: uma análise da obra de Dostoiévski**

Entende-se que as representações de São Petersburgo no cenário sociocultural russo possuem, desde sua fundação, caráter predominantemente negativo. Toda a história de seu nascimento e desenvolvimento demonstra uma predominância significativa de “propósito”, “gerenciamento manual” e “controle consciente” sobre os processos da vida espacial e de planejamento urbano (SEMENTSOV & AKULOVÁ, 2020, 731). Como pode-se depreender de fontes consultadas, o fato da criação da cidade ter sido pautada nas imposições idealistas de Pedro, o Grande, parece fazer de sua origem um processo caótico. Nesse sentido, a transformação de um território pantanoso, nebuloso e alagado em um grande centro urbano resultou em eventos dramáticos no espaço. Durante esse período, no enorme território que circundava o Rio Nievá, não apenas surgiu uma das maiores capitais da Rússia, mas também sua vasta província e aglomeração urbana começaram a se formar e ascender simultânea e rapidamente (SEMENTSOV & AKULOVÁ, 2020, 731).

Como mencionado anteriormente, umas das mais características ocorrências trágicas em São Petersburgo foram as irreprimíveis e recorrentes enchentes causadas pelas cheias do Rio Nievá, seguidas de repercussões avassaladoras na cidade devido à sua estrutura precária de canais para escoamento das águas. Além disso, os experimentos do czar Pedro I que buscavam uma metamorfose cultural do russo ao europeu ocidental aparentavam assombrar não somente o planejamento estético de São Petersburgo, mas também a integridade identitária da população petersburguesa. Entende-se que:

A população da cidade apresentava características interessantes, por ter sido criada e povoada por estrangeiros de diversas origens; além disso, por ter sido desde o início uma cidade voltada para a atividade administrativa, cultural etc., os locais de moradia eram poucos; havia muitos estrangeiros, operários, soldados e camponeses (AMÉRICO, 2006, p.35).

Em função de sua gênese controversa, o futuro de São Petersburgo parecia ter sido traçado por Pedro, o Grande, de maneira catastrófica. Por conseguinte, nota-se que nas interpretações e representações da época a cidade era tida como uma intensa ameaça à própria vida e todo este medo de existir em Petersburgo foi traduzido nas produções culturais da época, principalmente na literatura.

Uma das obras que mais exemplifica a representação social de São Petersburgo como cidade “amaldiçoada” na cultura russa é o poema “O cavaleiro de bronze” (1833), escrito por Alexander Púchkin<sup>55</sup>. A estátua de bronze esculpida a pedido de Catarina, a Grande, por Étienne Falconet em homenagem ao czar Pedro I, eternizou no centro de São Petersburgo a imagem soberana do czar sob a cidade. Compreende-se que as transformações socioespaciais de Pedro, o Grande, tiveram um efeito paradoxal na Rússia (CHERNIKOVA, 2021, p.90). Em função disso, é fato que, nas interpretações culturais russas, Pedro I se torna uma entidade contraditória: chamá-lo de “o Grande” indica que seu império, de alguma forma, foi apreendido como “revolucionário”, entretanto, é necessário entender de que forma o sentimento popular russo emergiu descontente a seu respeito.

O texto de Púchkin é capaz de resumir a história da cidade ao denunciar os planos destrutivos de Pedro, o Grande e é considerada, até os dias de hoje, uma das obras mais importantes de toda a literatura russa. O poema se inicia descrevendo a criação da cidade e o papel que lhe foi concebido: abrir na Rússia uma janela para a Europa. O personagem principal, Evguêni, é um homem ordinário que durante a enchente de 1824<sup>56</sup> tem sua amada como uma das vítimas da tragédia. O protagonista, sentindo-se injustiçado, busca enfrentar a estátua do czar no centro da cidade, o “cavaleiro de bronze”, que Evguêni tem como o principal culpado de sua angústia. O cavaleiro de bronze toma vida e passa a perseguir o protagonista, que enlouquece até o fim da vida e é devorado pela estátua.

---

<sup>55</sup> Considerado um dos autores russos pioneiros, “pai da literatura russa”, sua escrita influenciou os grandes escritores do século XIX como Liermontov, Turgeniev e Dostoiévski (BERNARDINI, 2022, p.12).

<sup>56</sup> A maior e mais avassaladora enchente em São Petersburgo.



**Figura 2:** Pintura por Fiódor Iakovlevitch Alekseiev (1824) da Praça Karuselnaya, hoje Praça Teatralnaya, durante a grande enchente de 1824. Environment & Society Portal. Localizado em: Rachel Carson Center for Environment and Society<sup>57</sup>.

As contribuições de Gogol esboçaram Petersburgo como mítica e alavancaram a cidade no imaginário popular como “amaldiçoada”, no entanto, entende-se que “O cavaleiro de bronze”, de Púchkin, é na essência, o poema que inaugura aquilo que é denominado na literatura russa como “o mito escatológico de São Petersburgo”, onde Pedro I, o imperador admirável, é o emblema de Petersburgo (VÓLKOV, 1997, p.13). Assim, pode-se reparar um padrão nas representações de São Petersburgo no cenário cultural russo, entende-se que:

São Petersburgo é uma personagem recorrente na literatura russa. Com igual frequência, a cidade exerce uma influência enlouquecedora sobre seus habitantes, quando não os devora por completo, como ocorre com o Evguêni de “O cavaleiro de bronze” (ZORATTINI, 2022, p.170).

De acordo com o que foi mencionado sobre suas características, deve ser ressaltado que: as representações, apesar de não serem cópias completamente fiéis da realidade,

<sup>57</sup> BARABANOVA, Kseniya. The St. Petersburg Flood of 1824. Environment & Society Portal, Arcadia (2014), no. 7. Rachel Carson Center for Environment and Society. Disponível em: <https://doi.org/10.5282/rcc/5387>.

emergem de um coletivo social capaz de interpretar seus arredores e apresentá-los prática ou simbolicamente. Neste sentido, para entender aquilo que constitui o simbolismo sobre a cidade de São Petersburgo e o caráter majoritário de suas representações no cenário cultural russo dos séculos XVIII ao XX, é necessário investigar a relação existente entre os autores clássicos e as generalizações criadas para a representação da geografia da cidade na literatura. Neste caso, o principal autor a ter a obra destrinchada é Fiódor Dostoiévski (1821-1881).

#### **4.1 A obra de Fiódor Dostoiévski**

Tendo em vista o grande papel do simbolismo sobre a cidade de São Petersburgo no cenário cultural russo desde o século XVIII, é possível reparar que São Petersburgo foi, sem dúvida, uma personagem central na obra de Dostoiévski e a geografia da cidade ocupou um lugar relevante nos seus escritos. Considerando que a presença da cidade de São Petersburgo é quase unânime na literatura de Dostoiévski, compreender de que forma os aspectos da geografia da cidade são representados na obra e o porquê de sua grande predominância nos contos, é a chave para a interpretação dos enredos criados pelo autor como um todo.

O compilado de obras por Dostoiévski aqui selecionado para contemplar o contexto de inserção dos aspectos da geografia da cidade e suas representações considera: *Gente Pobre* (1946), *O Duplo* (1846), *Crônicas de Petersburgo* (1847), *Memórias do Subsolo* (1864) e *Crime e Castigo* (1866). Além de evidenciar as opiniões do próprio autor em artigos de jornal escrito especialmente sobre o cotidiano em São Petersburgo, a literatura selecionada também abrange de maneira objetiva as influências diretas da cidade nos enredos e seus consequentes problemas na sociedade petersburguesa, considerando os aspectos territoriais de Petersburgo e os impactos decorrentes das diversas imposições do czar Pedro, o Grande.

##### **4.1.1 Dostoiévski e a cidade: os folhetins em “Notícias de São Petersburgo”**

Para entender o grande reflexo de São Petersburgo na obra literária de Dostoiévski é preciso explicitar o íntimo laço criado entre o autor e a própria cidade ao longo de sua vida.

A principal circunstância a ser destacada aqui é que Fiódor Dostoiévski não era natural de São Petersburgo. Nascido em 11 de novembro de 1821, o autor passou a infância completa na cidade de Moscou. É necessário ressaltar também que, diferentemente da grande maioria dos influentes escritores russos da primeira parte do século XIX (como Púchkin, Gógol, Turguêniev e Tolstói), Dostoiévski era o único que não vinha de uma família da aristocracia rural com grandes propriedades (FRANK, 2018, p.32). Da infância à vida adulta,

as pretensões da família Dostoiévski de ascender à nobreza eram completamente ilusórias em relação à sua posição passiva na sociedade russa da época (FRANK, 2018, p.34).

Aos vinte anos de idade, o deslocamento repentino para São Petersburgo não foi considerado por Dostoiévski voluntário, muito menos agradável. Em seus últimos anos em Moscou, a mãe adoeceu gravemente e o pai do jovem autor decidiu que seus dois filhos mais velhos seriam engenheiros militares, e em 1836 buscou a admissão de Fiódor na Academia de Engenharia Militar, em São Petersburgo, sob o auxílio financeiro do governo russo (FRANK, 2018, p.55). Sua mudança de carreira após a formatura em 1843 foi imediata, considerando que Dostoiévski, mesmo antes de forçosamente se aplicar à engenharia, sonhava em dedicar-se completamente à literatura.

Três anos depois, em 1846, quando já havia se fixado em São Petersburgo, o escritor publicou sua primeira grande obra: *Gente Pobre*. De acordo com Bianchi (2020, p.215), inicialmente, a crítica considerava que Dostoiévski tinha um modo “difuso” e “prolixo” de escrever e atribuíam certas características ao fato de ser ele um escritor jovem, relativamente inexperiente, que se debatia com a própria escrita e com a forma literária da época. Entretanto, isso não foi um impedimento para que sua obra de estreia fosse tida como um “acontecimento inédito nos meios literários russos e que ele, uma figura até então anônima, completamente desconhecida, se tornasse célebre da noite para o dia” (BIANCHI, 2020, p.215).

“O Duplo”, segunda obra publicada do autor, veio logo em seguida. Apenas quinze dias após sua primeira publicação, a próxima história de Dostoiévski não foi recebida tão bem pelo público quanto “Gente Pobre”. Após o considerável fracasso de “O Duplo”, reprovado duramente pela crítica da Escola Natural<sup>58</sup>, a breve fama que Dostoiévski havia conquistado acaba sofrendo um terrível revés (BIANCHI, 2020, p.16).

Atordoado e sem fortuna alguma para manter a vida em Petersburgo, Dostoiévski vivia um momento de crise não somente literária, mas também financeira e, sobretudo, emocional. Apesar do sucesso de “Gente Pobre”, a razoável compensação financeira recebida pelo autor depois da publicação de seu primeiro livro não foi o suficiente para apagar sua má reputação depois da estreia de “O Duplo”, que não trouxe lucros significativos de qualquer forma.

Desprezado pela crítica como escritor, Dostoiévski passou a sobreviver através de pequenos trabalhos diários para revistas do governo, como os “Anais da Pátria”. Neste

<sup>58</sup> Movimento literário do século XIX na Rússia que representava os pobres da cidade, com temas de crítica social e exigências de representações objetivas e em concordância com a realidade (BIANCHI, 2003, p.87).

momento de declínio, o autor começou a trabalhar com o jornal “Notícias de São Petersburgo” – *Sankt-Peterburgskie Viédomosti* – no qual começou a contribuir para as edições do jornal, de maneira infeliz<sup>59</sup>, com folhetins cotidianos, artigos sob encomenda, com um tema principal: a vida na cidade de São Petersburgo (BIANCHI, 2020, p.17).

É fato que, neste contexto, São Petersburgo é a personagem principal da escrita de Dostoiévski. Como esperado, a forma que o autor discorre sobre a cidade em que vive nos folhetins se encaixa no contexto cultural antes mencionado. Em “Crônicas de Petersburgo”, livro que compila os folhetins escritos por Dostoiévski, São Petersburgo é representada como fria e monótona (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.62). São extremamente raras, na verdade, as passagens em que o autor faz qualquer analogia positiva à cidade, trazendo em seus relatos as mais desagradáveis opiniões sobre o lugar.

Em seu primeiro folhetim, datado 13 de abril de 1847, o autor descreve os habitantes de Petersburgo como sempre “cansados” e afirma que: “Não é à toa que dizem que Petersburgo é uma cidade tão europeia e tão cheia de afazeres” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.40). O autor ironiza, não só neste excerto, um dos maiores fardos de São Petersburgo: a tentativa de europeização russa por Pedro, o Grande. É curioso notar na escrita de Dostoiévski que grande parte de seu descontentamento como morador da cidade provém da essência imposta à Petersburgo pelo imperador que a ergueu. O planejamento voltado para a abertura de uma “janela para a Europa”, de maneira nada positiva, deixou marcas evidentes na cidade, estas denunciadas pelo autor mais de 140 anos depois.

Dostoiévski enfatiza um certo espelhamento dos costumes europeus na sociedade petersburguesa, caracterizando-os como uma completa “imitação”:

Somos todos como trabalhadores a carregar um certo fardo que lançamos, por vontade própria, sobre nossos ombros, e felizes da vida por conseguirmos carregá-lo de modo europeu e com o devido decoro, ao menos até a temporada de verão. E de que tarefas não nos encarregamos a troco de nada, por imitação! (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.41).

Continuando sua crítica em tom irônico, Dostoiévski faz alusão a uma situação de seu cotidiano pessoal, momento em que conheceu um cavalheiro que, divergindo do hábito russo, se recusava a vestir casaco de peles independente do frio que fizesse em São Petersburgo. O

<sup>59</sup> Em uma carta enviada ao irmão, pouco antes de começar a escrever para o jornal “Notícias de São Petersburgo”, Dostoiévski afirmava que não importasse o que acontecesse, jamais escreveria por encomenda, sabendo que esse tipo de trabalho “oprime e tudo estraga” na vida de um escritor (BIANCHI, 2020, p.17).

autor diz que o cavalheiro caminhava com um sobretudo acinturado, indicando um mimetismo que o dava “um aspecto tão parisiense”, porém, suas calças de alfaiataria russa destoavam completamente da estética do sobretudo ocidental. Assim, o autor denuncia:

É verdade que todo o europeísmo para esse cavalheiro consistia numa roupa de bom corte, razão pela qual ele também gostava da Europa pelo iluminismo; mas caiu vítima de seu europeísmo ao desejar que o enterrassem com sua melhor calça (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.41).

Neste contexto, em “Crônicas de Petersburgo”, Dostoiévski destaca diversas vezes a insatisfação com o fato de o povo lidar diariamente com o peso da incessante tentativa de equiparar o russo ao europeu ocidental. Toda a estrutura e todo o planejamento da cidade, meticulosamente pensados por Pedro I e mantidos por Catarina II, indicavam uma tentativa de cópia da estética e cultura europeia que parecia, gradualmente, apagar os hábitos russos.

A denúncia do autor na obra, apesar do sarcasmo ácido, tem um tom de frustração com tudo aquilo que compunha São Petersburgo, principalmente com seus habitantes que, em meio a insistente europeização, falhavam em proteger os gostos e desgostos de sua própria cultura.

Sabemos muito bem que, pelos nossos quinze rublos, recebemos uma diversão europeia; e isso nos basta. [...] Já aprendemos a não nos surpreender com nada. Se o cantor não é um Rubini, não tem nenhum valor; se o escritor não é um Shakespeare, então para que perder tempo lendo-o? (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.44).

Dentre de sua literatura, é nos folhetins de “*Sankt-Peterburgskie Viédomosti*” que Dostoiévski expressa mais abertamente sua opinião amarga em relação aos efeitos colaterais da europeização promovida por Pedro, o Grande.

Em outras de suas obras, as críticas do autor estendem-se para além das práticas culturais forçadas. A questão do planejamento urbano de São Petersburgo, por exemplo, também aparece explicitamente na escrita de Dostoiévski, principalmente em “Crime e Castigo” (1866). As grandes construções de Pedro I que imitavam, “de maneira extravagante”, o estilo europeu ocidental davam à cidade um ar de completa inverdade, que dominava o espírito cultural do homem russo. Quanto ao plano de organização de São Petersburgo, os enredos do autor denunciavam uma organização espacial opressiva, rígida e claustrofóbica.

Além disso, o autor buscava trazer à tona julgamentos no que dizia respeito à sua maior competência: a literatura. Um exemplo a ser explorado é a crítica indireta de Dostoiévski em uma das passagens de “Memórias do Subsolo” (1846), em que o personagem principal da obra menciona com certo menosprezo as diferenças entre os literatos russos e europeus de sua época:

Nós, russos, em termos gerais, nunca tivemos românticos bobos que vivem no mundo da lua, como os alemães e, especialmente, os franceses, a quem nada pode afetar, mesmo que a terra trema embaixo de seus pés, mesmo que estejam massacrando a França inteira nas barricadas [...] nós, na terra russa, não somos imbecis; isso é sabido; e é nisso que nos distinguimos de tantas terras estrangeiras [...] Ao contrário, as características do nosso romântico são frontal e completamente opostas às características europeias dos românticos do mundo da lua, e nenhuma *reguazinha* europeia vai servir para medir nada por aqui (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.80-81).

Apesar de o autor expressar nos folhetins seu desagrado com a cidade mais do que qualquer outro sentimento, em algumas míseras passagens das crônicas, Dostoiévski aponta pequenos contrapontos no que diz respeito à personalidade russa, em poucas tentativas de acreditar que sua cultura ainda vive, como: “somos (o povo russo) uns célicos [...] é com resmungos e selvageria que evitamos mostrar entusiasmo, que protegemos a nossa célica alma eslava” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.44). Nestes momentos de “esperança”, Dostoiévski ainda reafirma certa passividade do cidadão petersburguês nesta situação, e ilustra o motivo pelo qual a cultura russa pode estar sendo colocada em segundo plano há tanto tempo: o plano de ocidentalização de Pedro, o Grande, que involuntariamente condenou o homem russo a enfrentar as circunstâncias desencadeadas pela criação da cidade e se adaptar ao modo de vida imposto pelo czar:

E quem então, hão de dizer, há de condenar esse povo que, em alguns aspectos, esqueceu involuntariamente o seu passado e não respeita e estima senão o presente, isto é, o momento em que ele, pela primeira vez, começou a viver? Não, não é o desaparecimento do caráter nacional que vemos nesse anseio contemporâneo, mas o triunfo do caráter nacional, que, pelo jeito, não sucumbirá tão facilmente à influência europeia, como muitos acreditam. Na minha opinião, esse é um povo íntegro e saudável [...] (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.79).

As condições territoriais da cidade também são mencionadas por Dostoiévski nos folhetins escritos para o jornal. A imagem contraditória de Pedro I é novamente evocada pelo autor ao mencionar os detalhes do planejamento da cidade e ao descrever São Petersburgo como “uma ideia ainda em processo de construção”. É interessante a maneira que a crítica de Dostoiévski é elaborada ao caracterizar São Petersburgo como o “centro da vida russa”. O julgamento do autor mais uma vez aponta os feitos da época de Pedro, o Grande, e a continuação de suas ideias através de seus sucessores, como Catarina, a Grande, como fontes que impactaram grandiosamente o futuro da cidade. A nova capital da Rússia centralizava forçosamente todas as formalidades socioculturais da época:

Essa série de edifícios de arquitetura holandesa rememora a época de Pedro, o Grande. Esse prédio ao estilo de Rastrelli lembra os tempos de Catarina, esse, em estilo greco-romano — é de uma época mais tardia, mas tudo junto lembra a história da vida europeia de Petersburgo e da Rússia inteira. E até hoje Petersburgo está cheia de poeira e de lama; ela ainda está sendo criada, construída; seu futuro é ainda uma ideia; mas essa ideia pertence a Pedro I, ela está tomando corpo, crescendo e criando raízes dia após dia, não apenas no pântano de Petersburgo, mas em toda a Rússia, que vive apenas por Petersburgo. Todos já sentiram a força e os benefícios da orientação de Pedro, e todas as classes sociais estão convocadas à causa comum que é a encarnação da sua grande ideia. Consequentemente, todos começam a viver. Tudo — a indústria, o comércio, as ciências, a literatura, a educação, o princípio e a organização da vida social -, tudo vive e é mantido unicamente por Petersburgo (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.78).

O último folhetim escrito por Dostoiévski, publicado em 15 de junho de 1847, tem um desfecho reflexivo. Ao longo das crônicas, fica nítido para o leitor de que forma o autor enxerga a cidade em que vive: São Petersburgo é um ambiente desagradável e hostil que representa uma tentativa falha de reprodução das grandes cidades europeias ocidentais.

Levando em consideração todas as descrições sobre São Petersburgo feitas por Dostoiévski em seus artigos por encomenda, sua última contribuição para o jornal “Notícias de São Petersburgo” também mantém um tom amargo. Mesmo que as menções positivas sobre a cidade sejam raras nas reflexões de Dostoiévski em “Crônicas de Petersburgo”, o autor não aparenta odiar de todo a cidade em que vive. Em seu último folhetim, Dostoiévski continua a construir uma crítica ao território e às aflições que este causa ao homem russo. Apesar disso, o autor parece reconhecer que São Petersburgo ainda possui, de sua maneira, certa grandeza:

[...] essa Petersburgo enferma, estranha e lúgubre, onde a juventude perece tão cedo, as esperanças murcham tão depressa, a saúde se deteriora tão depressa e o homem se esgota todo tão depressa. O sol é um hóspede tão raro em nossa cidade, o verde é uma coisa tão preciosa, e nós nos acostumamos aos nossos cantos de inverno com tanto afinco que a novidade dos hábitos, a mudança de lugar e de vida só podem exercer sobre nós os efeitos mais benéficos. A cidade está tão magnífica e vazia! (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.93).

#### **4.1.2 A geografia da cidade de São Petersburgo no realismo russo de Dostoiévski**

Segundo Bianchi (2003, p.87), o caminho pelo qual a literatura russa do século XIX passou, desde Púchkin, consistiu-se em grandes transformações e, principalmente, em uma evolução constante. Em um primeiro momento, o “realismo russo” como movimento literário baseava-se em uma escrita minuciosa de descrição verossímil do contexto social da Rússia do século XIX. A crítica social, incorporada por Vissarion Belínski<sup>60</sup>, tornou-se uma das maiores características do estilo em questão. O realismo tido pelos autores pioneiros Púchkin e Gógol tornou-se quase que um modelo paradigmático pelo grupo de escritores que seguia a exploração do tema do “homem sem importância” (*málenkii tcheloviék*) ou do “pequeno homem / homem comum”, que consistia em uma literatura de denúncia das condições miseráveis da realidade do trabalhador russo (BIANCHI, 2003, p.87).

Ao estrear com “Gente Pobre”, Dostoiévski encaixou-se plenamente às proezas ideológicas de seus literatos contemporâneos progressistas e, assim, sua primeira publicação foi considerada uma das obras que melhor expressavam as premissas do chamado realismo russo (BIANCHI, 2003, p.88). Apesar da rejeição à sua obra “O Duplo”, no momento em que Dostoiévski se concretiza na literatura russa como nome estimado dentre os clássicos, sua escrita continua seguindo o tema principal do movimento realista no qual expunha as situações lastimáveis e as contradições sociais do ambiente urbano de São Petersburgo.

Os aspectos da geografia da cidade são representados na obra de Dostoiévski de forma extrema. Nota-se que, em muitos dos enredos do autor, as características da cidade atuam como agentes influentes no desenvolvimento das personagens principais tornando, dessa forma, a própria São Petersburgo uma protagonista nas histórias.

Nos folhetins de “Notícias de São Petersburgo” Dostoiévski já apresentava a cidade como uma entidade que despertava no cidadão petersburguês, inclusive em si mesmo,

---

<sup>60</sup> Autor e crítico russo considerado o “pai” da crítica social na literatura russa, era membro da Escola Natural (*ib.*)

sentimentos pessimistas. Paralelamente, é interessante reparar que o autor descreve São Petersburgo como uma personagem independente: ao mesmo tempo que suas especificidades implicam diretamente em situações importantes para os enredos de suas obras, São Petersburgo é representada como uma entidade autônoma com sentimentos próprios: “Uma angústia me corroía. A manhã estava enevoada e úmida. Petersburgo despertara zangada e colérica, como uma donzela da sociedade, irritada, amarelada de raiva [...] Petersburgo estava irritada da cabeça aos pés.” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.56). De forma metafórica, o autor diz que a cidade é capaz de ficar zangada e de se irritar “da cabeça aos pés”, de se “amarelar de raiva” e angustiar todos aqueles que nela vivem.

Além de em seus próprios folhetins, percebe-se que nas obras mais renomadas do autor as condições geográficas de Petersburgo influenciam no modo de vida e no comportamento geral de seus habitantes. De maneira geral, São Petersburgo é detentora de um caráter negativo na literatura de Dostoiévski. O autor demonstra as condições miseráveis da cidade ao considerar seus aspectos geográficos, tais quais a localização e o clima, como a chave de suas interpretações mais abstratas, onde São Petersburgo enfrenta as consequências catastróficas de seu mal planejamento, transformando-a em uma “cidade vingativa”. As enchentes trágicas do Rio Nievá, o aspecto constantemente nebuloso da cidade e a distorção cultural da impetuosa tentativa de europeização na antiga capital russa são detalhes desagradáveis diversas vezes mencionados nas obras do autor, de forma a indicá-los como reflexo da vontade e maldade própria da entidade São Petersburgo.

Uma das principais passagens em Dostoiévski que evidencia as ditas influências malignas de Petersburgo sobre o homem russo é descrita por uma das personagens de “Crime e Castigo”, Arkady Svidrigáilov<sup>61</sup>:

[...] Mas há ainda outra coisa: tenho observado que em São Petersburgo muitas pessoas andam nas ruas monologando. É uma cidade de lunáticos. Se tivéssemos médicos, juristas e filósofos, poderiam fazer aqui estudos bem curiosos; cada um na sua especialidade. Não há lugar onde a alma humana seja submetida a influências tão estranhas. A ação do clima só por si já é funesta. Desgraçadamente, São Petersburgo é o centro administrativo do país, e o seu caráter deve refletir-se sobre toda a Rússia (2018, p. 496).

---

<sup>61</sup> É o antagonista da obra em questão, um homem rico e obcecado pela irmã do personagem principal Raskólnikov. É visto na história como um personagem de personalidade totalmente oposta ao protagonista.

O excerto acima expressa de maneira marcante a forma de representação de São Petersburgo mais predominante na obra dostoievskiana. Svidrigáilov menciona, além das nocivas mudanças climáticas da cidade, a maneira como a alma do cidadão petersburguês é submetida a influências “tão estranhas” apenas por lá viver. Entende-se, através desta passagem e do conjunto geral das obras de Dostoiévski, que São Petersburgo enquanto cidade capital era tida dentre as representações do autor como uma entidade soberana, autoritária e intransigente.

A fala de Svidrigáilov é direcionada a Rodion Românovitch Raskólnikov, um dos mais conhecidos e mais subjetivos protagonistas de Dostoiévski, personagem principal da obra “Crime e Castigo”. Raskólnikov é um jovem estudante de direito em São Petersburgo durante o século XIX que enfrenta uma série de aflições por não conseguir se adequar a vida na cidade. Além de vir de uma família muito pobre, a vida na antiga capital impactava ainda mais as condições financeiras deploráveis do protagonista, que vive em uma angústia constante de não se encaixar na sociedade petersburguesa. Uma das questões mais importantes em “Crime e Castigo” é o fato de Raskólnikov ser obrigado a lidar regularmente com sua miséria em Petersburgo, o que o leva a se afundar em neuroses e angústias e, consequentemente, cometer atos estarrecedores na história.<sup>62</sup>

Dostoiévski tende a manter estas características em outros protagonistas de sua literatura, como em “O Duplo” e “Memórias do Subsolo”. Em “Memórias do Subsolo”, por exemplo, o personagem principal não é nem mesmo nomeado. Conhecido como o “homem do subsolo”, o protagonista da história também passa seu tempo sendo consumido pelo fantasma de todos os seus fracassos e pela sua desconexão com a sociedade petersburguesa.

O protagonista é um indivíduo socialmente isolado, que vive uma vida reclusa em São Petersburgo. O pequeno romance se inicia com uma reflexão do homem do subsolo em relação às condições da cidade de São Petersburgo e as consequentes adversidades desta em sua vida:

Meu quarto é abominável, nojento, na periferia da cidade. [...] Dizem que o clima de Petersburgo está se tornando nocivo para mim e que, com meus recursos insignificantes, viver em Petersburgo é oneroso demais. Eu sei de tudo isso melhor

---

<sup>62</sup> Em função de sua péssima situação financeira, Raskólnikov planeja o homicídio de Aliona Ivanovna, uma usurária cruel que realizava empréstimos aos necessitados em São Petersburgo a juros altíssimos. O protagonista, além de matá-la, também comete o assassinato da irmã da agiota, Lizaveta, e consegue roubar alguns bens e dinheiro que estavam em sua casa no momento do crime. Raskólnikov, ao conseguir fugir da cena, passa o restante da obra angustiado com suas atitudes escondendo as evidências dos assassinatos, até enlouquecer diante das influências da cidade e confessar tudo para a polícia.

do que todos esses conselheiros e bajuladores experientes e mais do que sensatos. Mas vou ficar em Petersburgo; não vou sair de Petersburgo! E não vou sair porque... Ah! Afinal, tudo isso não faz a menor diferença - se vou sair ou não (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.24).

“Memórias do Subsolo” é repleto de reflexões profundas por parte do protagonista, este que enfatiza diversas vezes o quanto preso se sente a Petersburgo. Mesmo não sendo o principal foco do romance, as menções sobre a cidade são abundantes e o homem do subsolo faz questão de explicitar ao leitor de que forma certos atributos de São Petersburgo desencadeiam desgraças em sua vida pessoal.

O homem do subsolo alude em suas contemplações diversas particularidades da cidade, até mesmo sobre o que diz respeito à sua própria criação e planejamento: “[..] em nosso infeliz século XIX e que, além disso, tem o duplo infortúnio de morar em Petersburgo, a cidade mais abstrata e premeditada de todo o globo terrestre. (Existem cidades premeditadas e não premeditadas.)” (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.25). A menção do homem do subsolo sobre a “premeditação” da cidade é crucial para compreender a denúncia do autor sobre as intenções e escolhas de Pedro, o Grande ao fundar a cidade, como a escolha de seu sítio e até mesmo a tentativa prevalecente de europeização russa. Nesse sentido, por meio da lente de Dostoiévski, interpreta-se que as medidas tomadas pelo criador de São Petersburgo deixaram marcas perpétuas na cidade e, assim, são representadas pelo autor como grande parte dos “infortúnios” da vida em São Petersburgo.

Na literatura dostoievskiana, as questões da localização e do clima de São Petersburgo são introduzidas como indispensáveis na construção e no desenvolvimento pessoal da grande maioria de seus personagens, principalmente dos protagonistas. O que consideramos mais interessante é o fato de que as características geográficas da cidade atuam sempre de maneira negativa. Nesse sentido, o homem do subsolo também menciona uma das maiores contradições da cidade de São Petersburgo: a área em que foi construída a cidade. Em um diálogo com uma personagem secundária da obra, Liza, o protagonista enfatiza a dificuldade de até mesmo morrer em São Petersburgo em função das condições precárias do território, afirmando que: “Lá no cemitério de Vólkovo<sup>63</sup>, não se consegue cavar nenhuma cova seca.

---

<sup>63</sup> Cemitério no centro da cidade de São Petersburgo, próximo ao Rio Nievá, onde se encontram diversas sepulturas de figuras históricas russas, como a do autor Ivan Turgueniev.

Por quê? Ora essa, a área toda é cheia de água. Tudo aqui é um pântano. E aí eles colocam o caixão na água mesmo. Eu já vi... muitas vezes...”<sup>64</sup> (DOSTOIÉVSKI, 2021, p.134-135).

Em “O Duplo” estes aspectos também são retratados de maneira explícita, tendo papel indispensável no processo de loucura do personagem principal da obra, Yakov Petrovich Golyádkin. O protagonista de “O Duplo” é um funcionário público de baixíssima autoestima que se sente constantemente criticado por seus superiores no trabalho: nunca é reconhecido por suas realizações na área, jamais é convidado para eventos sociais do trabalho e sente-se desprezado até mesmo pelos colegas tão ordinários quanto ele. A situação de Golyádkin se agrava ainda mais quando um homem que é sua exata cópia, com o mesmo nome e a mesma aparência que a dele próprio, aparece em sua vida e o persegue em diversos ambientes. O “duplo” se infiltra na vida do personagem principal e é não somente aprovado por seus colegas de trabalho, mas também elogiado por todos por sua simpatia e personalidade prestativa. Golyádkin, então, começa a enlouquecer diante da situação, perguntando-se como ninguém, além dele mesmo, enxerga que o “duplo” é uma farsa que existe apenas para prejudicá-lo.

O centro urbano de São Petersburgo, neste contexto, é o cenário da trama e desempenha um papel opressor na vida de Golyádkin através do clima e de sua organização desfavorável: as ruas são estreitas e escuras, o centro sujo e perigoso e o clima nublado e frio. A presença do “duplo” o angustia e a sensação opressora da cidade piora seu estado psicológico: Golyádkin sente que não há lugar em São Petersburgo para onde possa fugir de sua cópia sem se sentir aprisionado. É recorrente na obra que, durante seus episódios de loucura, nas reflexões do protagonista sejam incluídas uma descrição do ambiente que está inserido:

O senhor Golyádkin estava aniquilado - aniquilado de todo, no pleno sentido da palavra [...] A noite estava horrível, era noite de novembro - brumosa, úmida, chuvosa, nevoenta, carregada de ameaças de fluxões, resfriados, anginas, de febres de todo tipo e espécie —, em suma, de todas as dádivas do novembro de Petersburgo. O vento uivava nas ruas desertas, erguendo acima das correntes da ponte a água negra da Fontanka<sup>65</sup> e tocando com ar de desafio os mirrados lampiões, que, por sua vez, faziam eco aos seus uivos com um rangido fino e estridente, formando um infinito concerto de pios e sons de cana rachada muito familiar a cada

<sup>64</sup> Neste excerto, a fala do homem do subsolo é uma hipérbole. Os caixões não eram verdadeiramente colocados diretamente na água. Entretanto, a área mencionada na fala do protagonista, de fato, faz parte do território pantanoso de São Petersburgo que frequentemente inundava por conta das cheias do Rio Nievá.

<sup>65</sup> Um dos canais, afluente do rio Nievá, que corta o centro da cidade de São Petersburgo pelo Almirantado.

habitante de Petersburgo. Chovia e nevava ao mesmo tempo (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.63).

Além de todas as questões físicas de São Petersburgo, a segregação socioespacial da cidade e a escancarada concentração de renda nas mãos da aristocracia petersburguesa do século XIX são problemas de desigualdade continuamente expressos nos enredos de Dostoiévski. Seus protagonistas, que nas obras são majoritariamente homens “ordinários” da sociedade russa, aparentam sempre estar desolados frente às questões financeiras e socialmente isolados do cotidiano petersburguês.

## 5. Considerações Finais

Ao longo da pesquisa que deu origem a esta monografia foi possível identificar que, considerando a manifestação de características físico-geográficas, sociopolíticas e culturais, a representação da cidade de São Petersburgo na obra de Dostoiévski possui caráter predominantemente negativo.

Percebe-se, de modo geral, que a origem dessa representação antipática muito se relaciona com a influência do czar Pedro, o Grande na criação da cidade. Em função disso, para uma melhor compreensão da imagem de São Petersburgo existente na literatura dostoievskiana, foram levantadas neste trabalho as principais repercussões decorrentes da construção da nova capital do imperador, sendo elas: a) os aspectos territoriais e climáticos do sítio atípico em que se encontra São Petersburgo; b) a tentativa de ocidentalização forçada do povo russo impulsionada pelo czar; e c) o processo sociocultural de comunicação na cidade que propagou a percepção negativa do povo a São Petersburgo.

Como mencionado anteriormente, as escolhas e tendências de Pedro I demonstraram ter papel fundamental no processo de interpretação social que desencadeou o reflexo desfavorável da cidade no âmbito popular e, consequentemente, nas obras de Dostoiévski. Em primeiro lugar, no que diz respeito ao sítio controverso determinado pelo imperador, era evidente a dominância do clima frio e nebuloso somada às intervenções constantes decorrentes das cheias catastróficas do rio Nievá, implicações que atuaram diretamente na apreensão coletiva da cidade (AMÉRICO, 2006, p.40).

Além disso, a figura do czar impunha-se diante do povo com um desejo urgente de concretizar na Rússia uma cópia “bela e civilizada” do cenário europeu ocidental. Pedro, o Grande, delineou o projeto de sua nova capital baseado na arquitetura e estética das grandes cidades europeias do século XVIII, tal qual Paris e Amsterdam, e ergueu em seu czarado o

que desejava que fosse a melhor cidade do Oriente. No entanto, os meios empregados para a consolidação da forma almejada da cidade foram impiedosos e também acabaram fazendo parte da percepção popular de maneira desfavorável (VOLKOV, 1997, p.34). Da mesma forma, a proposta de europeização dos costumes russos impulsionada por Pedro I era tida pelo povo petersburguês como negligente e pareceu sempre sofrer com uma rejeição coletiva.

As manifestações dessa aversão a São Petersburgo passaram a ser expressas no imaginário russo tanto objetiva, quanto subjetivamente. Originaram-se mitos fantásticos sobre a criação da cidade e crescia dentre as massas populares a crença de que “maldições” estavam presentes em São Petersburgo. A cidade, no pensamento petersburguês, passou a ter uma natureza vingativa (AMÉRICO, 2006, p.40).

A literatura de Dostoiévski foi o tema central de estudo neste trabalho, levando em consideração a imagem da cidade que predominava durante os séculos XVIII e XIX, realizamos uma análise crítica das formas de representação social da geografia de São Petersburgo nas obras selecionadas de Dostoiévski. A partir do compilado designado – O Duplo (1846), Crônicas de Petersburgo (1847), Memórias do Subsolo (1864) e Crime e Castigo (1866) –, nota-se uma forte e direta crítica às características gerais de São Petersburgo por parte do autor. Além de expor seu rancor pelo projeto de Pedro, o Grande, Dostoiévski denuncia através de sua prosa e de seus personagens as contradições da estrutura social da cidade e, em diversos enredos, atribui às características geográficas um papel significativo nas condições de vida miseráveis em São Petersburgo.

Outrossim, o autor tende a representar os aspectos da geografia da cidade em sua obra de forma intensa. Percebe-se que as características territoriais e climáticas de São Petersburgo são capazes de atuar como agentes bastante influentes no desenvolvimento das personagens principais, de forma que as características físicas da antiga capital aparentam desempenhar certo protagonismo nas histórias. Nesse mesmo tópico, é interessante ressaltar que grande parte das personagens de Dostoiévski estão quase sempre acompanhadas de uma angústia psicológica que, de alguma forma, está relacionada à opressividade da própria São Petersburgo. Os protagonistas também apresentavam nos enredos insatisfações particulares diante das imposições “europeizantes” de Pedro I e seus sucessores, descontentes com os grandes vestígios de uma mudança de costumes forçada.

Ao fim, percebemos que na literatura dostoievskiana a cidade de São Petersburgo é tida como uma entidade autônoma.

Para compreender a maneira que a percepção do autor foi apresentada em sua literatura e de que forma cresceu dentre as massas populares a representação

predominantemente negativa da cidade de São Petersburgo, foi indispensável para esta pesquisa a abordagem de Serge Moscovici e sua Teoria das Representações Sociais. Ao entender que, para Moscovici (1961, p.808), a representação social atua como um fenômeno derivado da inter-relação e reprodução da realidade coletiva referente às práticas de um grupo, nos atentamos ao desdobramento das percepções sobre a cidade desde sua origem até o século XIX.

Para mais, no que tange o conceito das representações estudado neste trabalho, faz-se necessário constatar a importância de se recorrer à teoria social crítica de Henri Lefebvre. A partir de sua abordagem sobre o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido, foi possível assimilar de quais formas estes podem ser representados a partir dos processos de percepção e cognição de um determinado grupo social. A tríade proposta por Lefebvre evidencia a relevância das práticas espaciais (como produção e reprodução), das interações sociais no espaço e dos signos e códigos comuns de um grupo para a formação das representações sociais, ou seja, identificou-se nesse cenário um processo de ressignificação dos objetos rumo à realização das representações (GIL FILHO, 2005, p.52)

Sabemos que as abordagens de Serge Moscovici e de Henri Lefebvre são radicalmente distintas – uma no campo da Psicologia Social e outra no campo da Filosofia e da Teoria Social – e que para realizar essa aproximação de forma mais profunda, seria necessário maior conhecimento sobre ambas. Apesar disso, para fornecermos uma visão mais ampla de um tema tão complexo, escolhemos apresentar ambas durante a pesquisa, reconhecendo os riscos envolvidos.

À vista disso, a apreensão popular de São Petersburgo em um plano fantástico aparenta ter derivado de um processo de formação e de manifestação de representações sociais no plano cultural russo. Percebe-se que as interpretações do espaço, que transformam-se em representações sociais, são fruto da constituição de uma realidade comum em que as representações coletivas espelham a própria trama da vida social, indicando a existência de um caráter relacional entre fenômenos, indivíduos e grupos sociais (GIL FILHO, 2005, p.55). Assim, a forma que São Petersburgo encontra-se representada na obra de Dostoiévski, considerando seus aspectos geográficos, está intimamente ligada a um plano sociocultural que relaciona as características peculiares da origem da cidade e suas consequências marcantes no território.

## Referências Bibliográficas

AMÉRICO, Edélcio Rodiney; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. **Brasília: A São Petersburgo Brasileira?**. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 14, n. 1, p. 129-150, 2016.

AMÉRICO, Edélcio Rodiney. **Cidades traduzidas: Moscou e São Petersburgo**. Cadernos de Literatura em Tradução, n. 20, p. 421-439, 2018.

AMÉRICO, Edélcio Rodiney. **Os textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade nacional russa**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

AMÉRICO, Edélcio Rodiney. **Texto de São Petersburgo na literatura russa**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Cadernos de pesquisa, p. 127-147, 2002.

ARRUDA, Angela. **Representando a alteridade**. 1998. Petrópolis: Editora Vozes, ISBN 853262087-6, 168 pág.

BAGDASARYAN, Vardan E.; RESNIANSKIY, Sergey I. **Image of Peter I in Modern Historiographical and Public Discourse**. RUDN Journal of Russian History, v. 21, n. 3, p. 351-362, 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Editora Schwarcz Ltda., 1986.

BERNARDINI, Aurora Fornoni. **Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein**. Kalinka, 2022.

BIANCHI, Fátima. **Dostoiévski e a crítica russa**. Magma, n. 8, p. 87-89, 2003.

BIANCHI, Fátima. **Dostoiévski, Folhetinista** (Prefácio). In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crônicas de Petersburgo**. Tradução: Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2020.

BIANCHI, Fátima. **O aparente descaso de Dostoiévski com a linguagem.** Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 15, p. 214-227, 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CHERNIKOVA, Tatiana V. **The “Flip Side” of Peter the Great’s Reforms.** RUDN Journal of Russian History, v. 20, n. 1, p. 88-107, 2021.

CRUSOÉ, Nilma Margarida. **A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação.** Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, n. 2, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crônicas de Petersburgo.** Tradução: Fátima Bianchi. São Paulo: Editora 34, 2020.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo.** Tradução: Câmara Lima. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo.** Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Editora Penguin Companhia, 2021.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Duplo.** Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

FURINI, Luciano Antonio. **Geografia e Representações Sociais.** Anais do XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina: Estableciendo Puentes en la Geografia de Latinoamérica, 2011.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: um escritor em seu tempo.** Editora Companhia das Letras, 2018.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia Cultural: estrutura e primado das representações.** Espaço e cultura, n. 19-20, p. 51-59, 2005.

LAVRIN, Janko. **Gogol the Playwright** (Introduction). In: GOGOL, Nikolai. **The government inspector**. East African Publishers, 1970.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006. (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LEFEBVRE. Henri. **La production de l'espace**, Paris, Ed anthropos, 1974. DOI: 10.3406/homso.1974.1855.

MACHADO, José António. **Introdução a Almas mortas** (Prefácio). In: GOGOL, Nikolai. **Almas mortas**. Abril Cultural, 1982.

MITCHELL, Brian. R. **European Historical Statistics**, 1750-1970. Columbia University Press, <https://doi.org/10.1007/978-1-349-01088-2>.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **La représentation sociale de la psychanalyse**. Bulletin de psychologie, v. 14, n. 194, p. 807-810, 1961.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, 404 pág. Trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000].

OLIVEIRA, Márcio SBS. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. 2004.

PATRIOTA, Lúcia Maria. **Teoria das Representações Sociais: Contribuições para a apreensão da realidade**. Serviço Social em Revista, v. 10, n. 1, p. 1679-1842, 2007.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004a.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004b. 6a. ed.- (Coleção Milton Santos).

SEMENTSOV, Sergey; AKULSOVA, Nadezhda. **Birth of Saint Petersburg Agglomeration Under The Rule of Peter The Great in 1703–1724**. Gênero & Direito, [S. l.], v. 9, n. 04, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ged/article/view/52851>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia das representações sociais**. OLAM. Ciência & Tecnologia. Rio Claro, SP, v. 5, n. 1, p. 220-232, 2005.

SHVIDKOVSKY, Dmitry O. **Catherine The Great: The Architectural Biography**, 2023. DOI: 10.36340/2071-6818-2023-19-1-10-21.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. **A contribuição de Henri Lefebvre para a reflexão do espaço urbano da Amazônia**. La contribution d'Henri Lefebvre à la réflexion spatiale urbaine de l'Amazonie. Confins. Revue franco-brésilienne de Géographie / Revista franco-brasileira de Geografia, n. 5, 2009.

TORRES, Rozalia Brandão. **A geografia e a psicologia: aproximações através do uso da associação livre para o estudo das representações sociais**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 34, n. 1, 2009.

TUAN, Yi Fu. **Lugar: uma perspectiva experiencial**. 1975. Traduzido por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tárcila Duarte e Ubiratam Barros, 2018, do original em inglês “**Place: an Experiential Perspective**”, publicado no v.65, n.2 da The Geographical Review, Abril 1975.

VÓLKOV, Solomon. **São Petersburgo: uma história cultural**. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

ZORATTINI, Júlia. **Roma eterna e Roma condenada: o mito de São Petersburgo em “O cavaleiro de bronze”**. RUS (São Paulo), v. 13, n. 23, 2022.